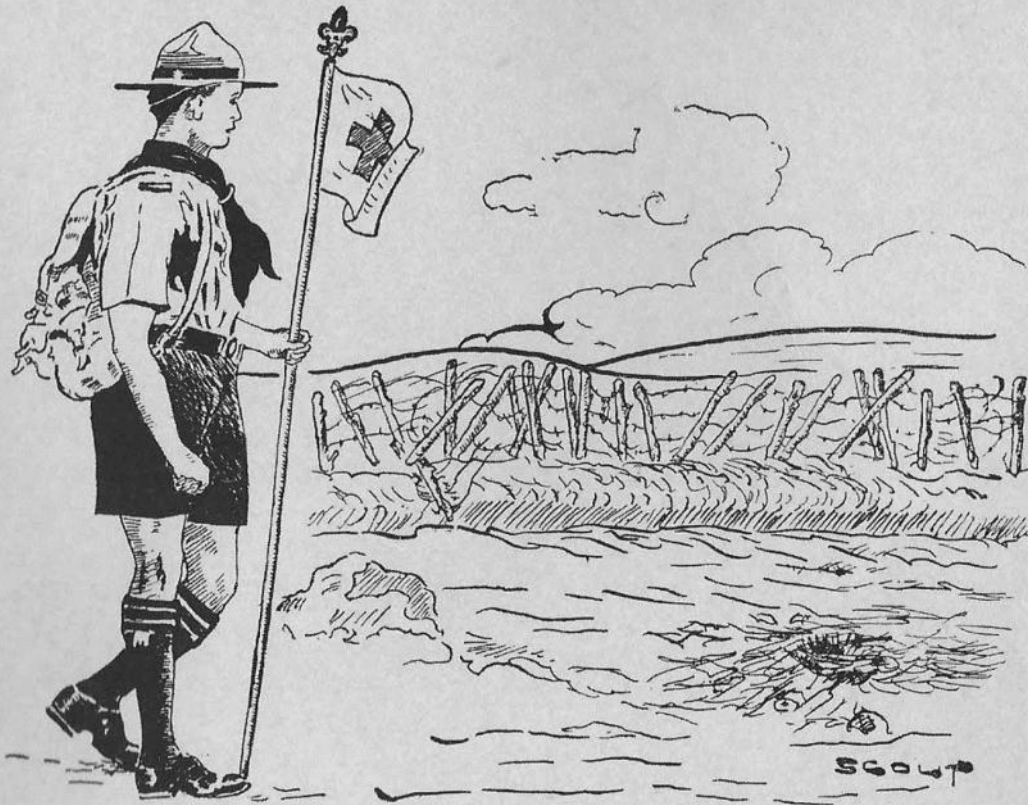




João Mós

“Boys Scouts Paulistas”



Na Revolução de São Paulo - Julho a Outubro de 1932

2000
Gráfica Apema Ltda.
São Paulo - SP

João Mós



"Boys Scouts Paulistas"

Na Revolução de São Paulo
Julho a Outubro de 1932

Direitos de reprodução reservados de acordo com a lei

Índice

A Razão da Presente Publicação	6
Apresentação	7
Apresentação da 3ª edição do relatório da revolução de 1932	8
Compromisso Scout	9
Aos médicos, enfermeiras e demais auxiliares da Cruz Vermelha durante a revolução	14
Tópicos dos Jornais	15
Cartas de Congratulações	22
Introdução aos Relatórios	28
Relatório	29
Relatório	37
Trechos de Alguns Diários dos Scouts em Serviço	48
To our Brolber Scouts of all tbe World	72
a'lux Frères des autres ferres	73
Aos Irmãos que se encontram em outras terras	74

Aos beneméritos chefes:

Lord Baden Powell of Gilwell
Benjamin Sodré-Velho Lobo

Aos dedicados diretores:

Armando Lorena
Rodolpho Malempré

Aos benfeitores

Conde de Lara
A. Ribeiro Branco

À diretoria da Cruz Vermelha Brasileira de São Paulo

Homenagem dos "Boys Scouts Paulistas"

4

5

A Razão da Presente Publicação

Leitor antigo

A idéia de fazer publicar este desprezencioso histórico surgiu depois de cessada a luta ainda de 1932, quando os chefes scouts de S. Paulo encontravam-se de novo entregues à atividade normal de suas tribus.

Retinidos esses chefes, animado pelas exortações que me dirigiram não só outros scouts como até pessoas estranhas ao nosso meio mas conhecedoras do trabalho nosso, expus àqueles companheiros o propósito de fazer publicar um folheto contendo o resumo das atividades dos scouts durante a campanha constitucionalista e cujo produto reverteria em proveito da "Boys Scouts Paulistas

Obtive unânime aprovação.

Dirigindo-me depois à ilustre diretoria da "Boy Scouts Paulistas" tive a honra de me ver franqueado o arquivo dessa sociedade. Conforme o atencioso ofício que adiante se lê.

Iniciando os trabalhos, encontrei, por toda parte, os mais francos aplausos e a mais decidida cooperação.

Eis a razão de ser da presente publicação.

Ela não encerra um programa a ser executado, mas inata uma gene de trabalhos realizados com devotamento e abnegação.

Suas páginas atestam, com eloquente simplicidade, as vantagens da prática do Escotismo e dizem bem alto da exatidão com que a "Boy Scouts Paulistas" aplica, entre nós, o método educativo de Baden Powell.

6

Apresentação

H

oje, o Primeiro Grupo Escoteiro "São Paulo", sucessor direto da Boy Scouts Paulistas, fundado em 23 de Setembro de 1923 por Rodolfo Malempré é um marco único de tradição, prestando serviços ininterruptos à Comunidade há 60 anos. Muitos momentos poderiam ser destacados nesta longa caminhada mas, sem sombra de dúvida, o de importância incontestável foi a participação dos jovens escoteiros na Revolução Constitucionalista de 1932.

Nesta época, prevendo a importância desta atuação, como exemplo para as gerações escoteiras que lhe sucederam, o Chefe JOÃO MÓS (A guia LUSA) reuniu em um pequeno livro, todos os momentos vividos pela Boy Scouts Paulistas onde, em cada página, individualizou acontecimentos risonhos, tristes e dramáticos. É com grande satisfação que como Chefe do Grupo apresento a reedição desta publicação histórica que servirá de exemplo para as próximas gerações, fazendo com que não esmoreçam e continuem a ser guiados pelo espírito de Baden Powell.

São Paulo, 23 de Setembro de 1983

Manuel Fernando Queiroz dos Santos

7

Apresentação da 3ª edição do relatório da revolução de 1932

A participação do 1º G.E. "São Paulo" na revolução constitucionalista de 1932, quando se denominava "Boys Scouts Paulistas", servindo a Cruz Vermelha Brasileira nos Hospitais de Sangue nas linhas de frente foi um trabalho relevante para o Grupo e para o Escotismo Nacional, evidenciando a capacidade e o Espírito Escoteiro dos escoteiros e Chefes, que tiveram uma oportunidade única de viver o seu ideal escoteiro da forma mais elevada e completa que se poderia almejar, constituindo um exemplo que ajudou as gerações posteriores a manter sempre alto o padrão de escotismo praticado pelo Grupo, conforme os ensinamentos do seu criador Lord Robert Baden Powell.

Por isso é com imenso prazer que apresentamos a 3ª Edição desta publicação, certos de que a mesma contribuirá para a continuidade e engrandecimento deste Grupo Escoteiro que vem, fiel ao seu destino, prestando serviços à comunidade há 77 anos.

Zdzislaw Woloszyn

Walter de Castro Schlithler

Compromisso Scout

**PROMETO PELA MINHA HONRA:
CUMPRIR MEU DEVER PARA COM DEUS E MINHA PÁTRIA.
AJUDAR O PRÓXIMO EM TODA E QUALQUER OCASIÃO.
OBEDECER À LEI DO SCOUT.**

É nos momentos de adversidade que se dão a conhecer os verdadeiros amigos.

A hora era de sofrimentos para todos os que aqui se encontravam. As armas de guerra celavam, impiedosamente, na sua faina destruidora.

Os scouts não faltariam ao seu compromisso de honra.

E eles deixaram o conforto dos seus lares, o carinho de suas famílias, seus afazeres profissionais, seus estudos, partindo para "ajudar o próximo", socorrendo, indistintamente, a todos quantos necessitavam de auxílio:

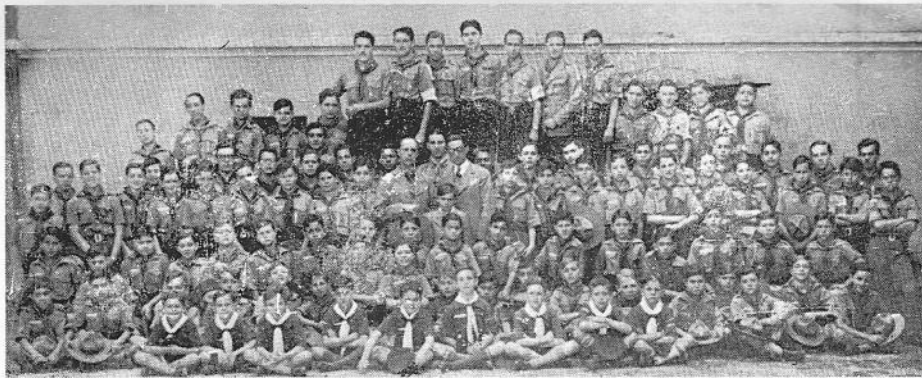
Os que sofriam as dores físicas dos ferimentos e aqueles que curtiavam os padecimentos morais do êxodo e das necessidades...

Em favor de todos, unia boa ação em cada dia.

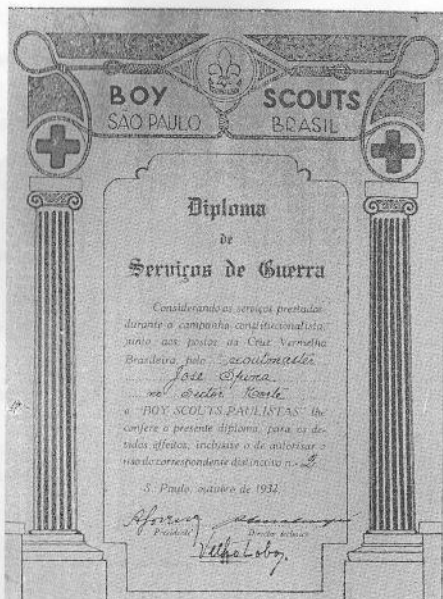
Assim procedem os scouts "em toda e qualquer ocasião".



Scouts que serviram à Cruz Vermelha junto às linhas de combate



"Boys Scouts Paulistas"
(Turma dos seus scouts e diretores em serviço durante a revolução)



12



Os desenhos acima reproduzem os distintivos conferidos pela "Boy Scouts Paulistas" a todos os scouts que serviram durante a revolução.

São dois modelos: o primeiro, com a Cruz Vermelha sobre a flor-de-lis, cujo uso somente é permitido aos scouts que serviram fora da capital, junto às linhas de combate; o segundo é usado pelos demais scouts que participaram dos trabalhos. Todos eles são confeccionados em metal esmaltado, fundo amarelo, flor-de-liz verde, letras cor de ouro. Sendo distintivos especiais, foram feitos e distribuídos somente os estritamente necessários para os scouts que os mereceram, estando cada distintivo numerado no verso e devidamente registrado na secretaria da "Boys Scouts Paulistas", em nome do respectivo titular. O uso desse emblema é facultativo para os scouts quando em seus trajes comuns, porém obrigatório na blusa do uniforme e é autorizado pelo diploma correspondente, cujo modelo está estampado no presente trabalho. Também as tribus, coletivamente, receberam tais diplomas e distintivos, sendo estes para uso obrigatório nas respectivas bandeiras, por ocasião de desfiles.

A "Boys Scouts Paulistas" conferiu esses títulos em solenidade que se efetuou à 15 de Novembro de 1932, no salão nobre do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, perante autoridades, famílias e demais pessoas de elevada representação na sociedade paulistana.

13

Aos médicos, enfermeiras e demais auxiliares da Cruz Vermelha durante a revolução

Porque?...

Porque, naqueles dias sombrios de luta, os scouts, na convivência com vós, esqueceram-se de que eram acadêmicos, ginasianos, empreendedores do comércio...

Cumprindo o art. 7º de sua Lei, foram todos "obedientes e disciplinados": realizaram com admiração vossos serviços de cozinheiros, chauffeurs, ciclistas, padioleiros, ajudantes enfermeiros, vigias noturnos, cozeiros, eletricitistas, datilógrafos e tantos outros.

E porque o fizeram com a submissão que vos surpreendeu?

Porque na prática adquirida nos seus acampamentos, nas suas excursões, na observância fiel dos seus preceitos em "auxiliar o próximo", aprenderam, não obstante à esfera social em que vivem, a realizar todos esses serviços com dedicação e sem contrariedade.

A vós dedicam esta página porque, procedendo daquela forma, tornaram-se vossos amigos e hoje podem fruir, a vossa simpatia, tantas vezes testemunhada.

Se alguma saudade lhes ficou daqueles dias de incerteza, foi a de servi-vos, em afazeres rudes, em prol do seu ideal...

14

Tópicos dos Jornais

"A GAZETA" 15/07/1932

A cooperação dos nossos "Boys Scouts"

Das mais eficientes a colaboração que prestarão os Boys Scouts Paulistas nos serviços da Cruz Vermelha.

Conforme nos declarou o Sr. Roberto Pompílio, chefe da seção de transportes do 1º comboio, que rumou hoje para a frente, o grupo de "boys scouts" que se encontra às ordens da benemérita instituição, será utilizado no serviço de ligação a Cruz Vermelha em operações e a sua sede em São Paulo.

E esse serviço, da maneira como foi organizado, será por certo, efficientíssimo.

Os nossos bravos "boys scouts", que tantos serviços já prestaram à nossa cidade, desenvolverão, na tarefa que lhes incumbe atualmente, uma perfeita rede de comunicações, utilizando para isso automóveis, e na falta ocasional destes, bicicletas.

Em cada cidade do trajeto permanecerão dois jovens, assim como nas diversas bases estabelecidas.

A primeira base é Pindamonhangaba.

Há ordem, para estender o serviço até Lorena.

"O ESTADO DE SÃO PAULO" 16/07/1932

A nobre contribuição dos "Boys Scouts Paulistas"

Recebemos uma calorosa mensagem dos boys scouts que partem para o norte do Estado, a serviço da Cruz Vermelha.

Esses jovens dão um belo exemplo prestando a sua generosa contribuição

15

na campanha constitucional do Brasil. No entanto, para melhor cumprimento desse dever que se impuzeram, eles não estão de todo aparelhados, pois entre as notas notícias que abaixo publicamos, eles salientam a falta de bicicletas e pedem ao público alguns desses veículos, para melhor fazerem as ligações. Não faltarão pessoas capazes de atender a esse pedido. A mensagem a que no começo desta notícia nos referimos é a seguinte:

"Ao partirmos para o Norte do Estado, auxiliando a Cruz Vermelha em seus postos de saúde, nós, chefes scouts da federação "Boy Scouts Paulistas da 1ª tropa de scouts ingleses, japoneses e letonianos, sob a direção da referida federação que dirige a organização desses serviços, temos a satisfação de apresentar à ilustrada redação do grande órgão "O Estado de São Paulo" as nossas saudações. Sendo a primeira vez no Brasil que scouts trabalham em Hospitais de Sangue, esperamos iniciar essa nobre tarefa e cumpri-la à altura de nossa missão". J. C. Macintyre, chefe, João Mós, José Spina Neto, Léo R. Moraes, P. P. Nixon, Tomoo Ikeda, José Gaioto, A. Kennerly, F. Delany, José Spina, Crescencio Spina, J. Pina Figueiredo, Valdomiro Handerson, E. Olsen.

"DIÁRIO DE SÃO PAULO" 21/07/1932

Aos Scouts que partem com a "Cruz Vermelha" Scouts da minha Terra Pequeninos sois, mas sereis grandes, sereis gigantes pelo vosso esforço, pelo vosso coragem, pelo vosso trabalho, pelo vosso patriotismo.

Abelhas de ouro a esvoaçar pelas multidões das cidades, pelos vultos das nossas campinas, no vosso sagrado mistério. Sois a nossa esperança, porque sereis o soldado de amanhã.

Coragem é o vosso lema; não esmoreçais porque o Brasil, tudo espera de vós.

Amai vossa Pátria como a vossa própria mãe e ela sorrirá feliz ao contemplar vos na grandeza do vosso entusiasmo, compartilhando na brilhante arrancada que reconduzirá o Brasil ao seio das Nações cultas, civilizadas. Partí, entusiastas orgulhosos, levando as bênçãos de vossos pais, bênçãos da nossa Pátria, bênçãos de Deus sobre vossas cabeças.

São Paulo aqui fica à espera do momento da vitória que vos reconduzirá à glória e entre beijos e flores, abençoarão os pequeninos heróis da Pátria e da Família.

Ela, pois, avante, scouts!

Tudo pelo Brasil e por São Paulo

(a) - Silóca Sampaio Pinto - Educadora Sanitária.

"A PLATÉA" 31/07/1932

Scouts em Campanha

Localização das turmas na zona Norte, de acordo com a Cruz Vermelha.

Serviços no "Front"

Desde que partiram desta capital as turmas dos chefes scouts que foram auxiliar as operações militares na zona Norte, a direção dos serviços de "scouts em campanha" vem procurando, de acordo com a Cruz Vermelha, localizar essas turmas de maneira a se tornar o mais produtivo possível o trabalho confiado a esses bravos rapazes.

Sendo esta a primeira vez, no Brasil, em que se põe em prática a organização de "boy scouts" em serviços de guerra, a federação "Boys Scouts Paulistas" que se propôs executá-los, empregou todos os esforços para torná-los eficientes.

Assim, aquelas turmas foram distribuídas, conforme as exigências do momento, encontrando-se em Guaratinguetá os scouts que são dirigidos pelo chefe Léo Moraes; em Aréas, a turma do chefe Spina; em Lorena o grupo dirigido pelo chefe Macintyre, que é o mais numeroso, dele fazendo parte todos os demais chefes; e em São José do Barreiro, a turma especializada do chefe João Mós, nas linhas de frente. Este chefe comunicou ontem aos diretores do serviço que o ânimo dos que combatem pela Constituição é admirável e que o trabalho dos scouts está sendo feito com rigorosa observância das regras internacionais, despertando elogios dos comandantes dos corpos em operações.

"O ESTADO DE SÃO PAULO" 01/08/1932

Chegou do "front" o chefe scout João Mós — Afim de conduzir novas turmas de scouts especializados em serviços de campanha, veio a esta capital o chefe João Mós, que dirige esse serviço nos setores do Norte. O regresso desse chefe, acompanhado de mais scouts, dar-se-á hoje.

"A PLATÉA" 02/08/1932

João Mós, chefe scout em serviço no setor do Norte, de passagem por esta capital, dá-nos as suas impressões sobre as linhas de frente paulista.

Tivemos ontem a visita amável de João Mós, chefe scout da turma que trabalha no setor Norte, junto à Cruz Vermelha.

O forte e entusiasta moço, que hoje regressa para as linhas de frente, a nós deixou a sua impressão sobre a vanguarda paulista, assim redigida:

Aos meus companheiros por intermédio da "Platéia".

"De passagem por esta capital, vindo das linhas de combate no Vale Paraíba, sou portador das mais lisonjeiras notícias da nossa gente. Os chefes scouts que ali se encontram incumbiram-me de comunicar às suas famílias que todos estão de perfeita saúde e trabalhando com muito entusiasmo.

E deveras surpreendente o ânimo dos bravos rapazes.

A propósito dos trabalhos que os scouts estão desenvolvendo, trabalhos relevantes e importantes, os médicos da Cruz Vermelha os qualificam relevatíssimos.

Modeladamente organizados por essa esplêndida instituição que é a "Boy Scouts Paulistas" este serviço é mais um atestado eloquente da admirável mobilização de que justamente se orgulha a terra bandeirante.

Aos camaradas que, ainda aqui, anseiam pelo momento de se incorporarem às nossas turmas especializadas em serviços de campanha, eu trago o nosso apelo para que não esmoreçam no afã de garantir o elevado conceito que conquistaram para a grande escola de Baden Powell, que somente agora encontrou, no país, a oportunidade sempre sonhada pelos scouts de São Paulo, de poderem demonstrar praticamente a sua dedicação à Pátria estremeçada e aos seus nobres ideais. Dos ilustres médicos que servem nos Hospitais de Sangue, temos recebido as mais elogiosas referências, sendo eles e os comandantes de tropas unânimes em reconhecer os scouts como auxiliares da Cruz Vermelha.

Amanhã voltarei para as linhas do "front", onde terei sempre em mente os ensinamentos de Baden Powell e a imagem da Pátria unida e forte, dentro da alicerçada na Justiça."

"O ESTADO DE SÃO PAULO" 11/08/1932

Scouts elogiados em ordem do dia

De Aréas, recebeu a federação "Boys Scouts Paulista" a seguinte comunicação:

"Cruz Vermelha Brasileira. Hospital de Sangue em Aréas. Elogio: —

São elogiados em ordem de serviço, pela calma e coragem que demonstraram em seus serviços, na data de ontem: (seguem-se os nomes dos scouts, cuja citação reservamos), que serviram em Sant'Ana dos Tócos e São José do Barreiro.

Visto Aréas. 30 de Julho de 1932.

(a) Luiz C. de Carvalho S. A. T. A.

"O ESTADO DE SÃO PAULO" 17/08/1932

Os Scouts no setor do coronel Andrade

Recebemos ontem este comunicado da "Federação Boy Scouts Paulistas":

"A diretoria desta federação recebeu ontem o relatório referente aos trabalhos dos scouts no setor do coronel Andrade, durante o primeiro mês de atividade. Trata-se de um documento inédito no Brasil, digno de registro.

O trabalho dos scouts, que compõem as turmas enviadas, sob a direção desta federação, tem-se desenvolvido de inteiro acordo com as normas do "Hureati Internacional" de Londres adotadas por ocasião da guerra européia.

Entre os serviços prestados por esses rapazes destacam-se os de instalação do hospital de Silveiras, ligações elétricas de aparelhos de alta cirurgia em vários hospitais, intendência de serviços de saúde, organizações de transportes, comunicações e auxílios diversos à Cruz Vermelha.

Como acontece com esta instituição, o Escotismo é um só em todo o mundo em ocasiões de guerra, compete à Cruz Vermelha orientar e distribuir a sua operação. Assim tem acontecido agora no Estado de São Paulo, e é o próprio chefe da Cruz Vermelha, Dr. Arnaldo Pedrosa quem, em ofício dirigido à diretoria, exalta o trabalho dos scouts, que qualifica de inestimável."

"O ESTADO DE SÃO PAULO" 19/08/1932

"Boys Scouts Paulistas"

Corpo de ciclistas — Para o ponto de concentração das tropas constitucionalistas na zona norte do Estado, segue hoje o corpo de ciclistas da federação "Boys Scouts Paulistas" o qual vai reforçar o serviço de ligações entre os postos de saúde da Cruz Vermelha.

"A PLATÉA" 21/08/1932

O que é o Escotismo. Serviços dos scouts no "front"

A campanha constitucionalista veio, em boa hora, colocar o escotismo em assinalado destaque.

Raríssimas eram, até então, entre nós, as pessoas que conheciam o programa dessa escola ativa.

Hoje, com a demonstração que os bravos scouts vêm dando, dia-a-dia, a utilidade dos seus serviços, já ninguém ignora as vantagens da prática do escotismo.

Depois de longos anos de trabalho, vê, agora, esta federação, que não foram baldados os esforços dos seus chefes em prol da escola de Baden Powell, no Brasil.

Todavia, um reparo ainda se faz preciso: ao contrário do que geralmente se supõe, o Escotismo não é uma organização para "meninos", e sim uma instituição universal, com sede em Londres e que, em ocasiões de guerra, presta sua cooperação exercendo diversas atividades, entre as quais se destacam os serviços auxiliares aos corpos de saúde.

Afeitos à vida ruda dos campos, realizando marchas e permanecendo várias semanas, durante o ano letivo, em acampamentos próprios, os scouts se habituam a resistir melhor aos trabalhos na guerra e a auxiliar no "front" as forças em operação.

É bem de ver que este trabalho só pode ser prestado por scouts maiores de 16 anos e assim está acontecendo agora.

É especialmente junto às linhas de combate que os "Boys Scouts Paulistas" estão servindo à Pátria.

20

"O ESTADO DE SÃO PAULO" 26/08/1932

Entre os auxiliares da Cruz Vermelha Brasileira, nos serviços que aquela instituição está prestando no setor Norte, é justo destacar os "Boys Scouts Paulistas".

Os rapazes desta federação têm sido incansáveis e merecedores, por isso venho, dos agradecimentos que os diretores dos hospitais de sangue e, principalmente, o cirurgião chefe da Cruz Vermelha, lhes endereçaram.

São os seguintes os hospitais onde se encontram os scouts: Hospital de Silveiras - "front", Hospital de Cachoeira.

Hospital de Guaratinguetá, junto ao qual há um corpo de ciclistas.

Da "ORDEM DE SERVIÇO" em 28/08/1932

"Por ordem do dr. Arnaldo Pedroso, Superintendente dos Serviços da Cruz Vermelha no "front", os scouts: (seguem-se os nomes dos scouts, cuja citação reservamos), em vista dos serviços prestados são declarados indispensáveis no Posto de Sangue de Silveiras".

Pelo Chefe da S.T.A.S.

(a) Dr. C. Ponchon

21

Cartas de Congratulação

Guaratinguetá, 10 de Agosto de 1932

Ilmo. Sr. Presidente

Em resposta a vosso ofício de 4 do corrente, só lhe posso dizer que a atuação do movimento Constitucionalista, a Cruz Vermelha Brasileira, em São Paulo, vem desse pugilo de rapazes — os boys scouts —, na luta em que São Paulo se empenha, é um belo atestado do quanto pode o Escotismo, fazendo desabrochar na alma desses adolescentes a flor do patriotismo e do valor.

Muito justo é, pois, que enaltecendo a obra geral desses devotados patriotas eu exalto, particularmente, os serviços que vêm prestando com abnegação no nome do sr. Cel. Andrade — serviços em que se mostram incansáveis, de alta valia, e que me apraz registrar.

Sintetizando meus agradecimentos a estes bravos, na pessoa de V.S., ajuizo uma vez louvo a excelente organização do Escotismo Paulista, que hoje põe grande fonte de civismo que é.

Atenciosas saudações,

Dr. Arnaldo Pedroso

Cirurgião Chefe da Cruz Vermelha

(Do arquivo)

22

São Paulo, 12 de Outubro de 1932

Ilmo. Sr.

Armando Lorena

D.D. Presidente dos "Boys Scouts Paulistas"

Dando por terminados os seus trabalhos de guerra, provocados pelo governo Constitucionalista, a Cruz Vermelha Brasileira, em São Paulo, vem agradecer a essa associação o precioso concurso que lhe prestou e que consistiu nos trabalhos dos numerosos scouts destacados para nossos hospitais de sangue também para nossa sede.

Conforme já lhe fez saber o nosso Cirurgião Chefe na zona Norte, de grande ajuda que seus scouts prestaram naquele setor, auxiliando nossos serviços em todas as emergências, com a maior dedicação, disciplina e eficiência.

Os que estiveram na sede foram sempre obedientes e atentos aos trabalhos que lhes competiam.

Pôr todos esses motivos, pois, é meu dever pedir-lhe que transmitam a cada um deles o agradecimento que ora dirigimos a essa associação.

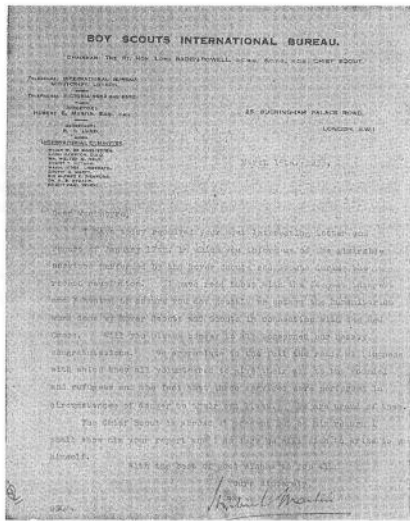
Atenciosas saudações

Presidente

Antonio F. de Souza Queirós

(Do arquivo)

23



(Boy Scouts International Bureau)

Londres, 15/3/1933

(Tradução)

Caro Macintyre,

Recebi hoje sua interessantíssima carta e relatório datados de 7 de Janeiro pp., nos quais nos descreve os admiráveis serviços prestados pelos rovers e scouts, cooperando com a Cruz Vermelha.

Li o relatório com o mais profundo interesse e apresso-me a assegurar-lhe que nós apreciamos extraordinariamente o trabalho humanitário realizado pelos rovers e scouts, cooperando com a Cruz Vermelha.

Queira apresentar a todos as nossas mais sinceras congratulações.

Tivemos grande satisfação em constatar a presteza com que todos eles se ofereceram para trabalhar no auxílio aos feridos e refugiados e apreciamos devidamente o fato que esses serviços foram prestados em condições de perigo para as suas próprias vidas.

Nós nos orgulhamos deles!

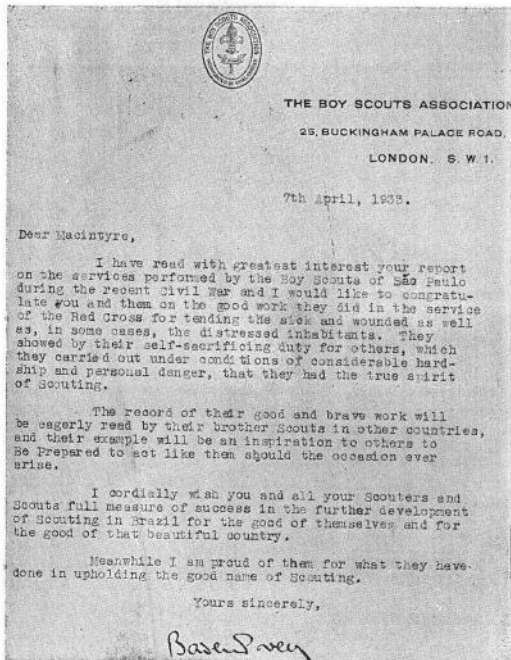
O Chefe está atualmente no estrangeiro, porém, na sua volta, eu lhe mostrarei o relatório e estou certo de que ele fará questão de escrever-lhe também.

Com os nossos melhores votos a todos, sou

sinceramente seu,

Huberto S. Martin

Diretor do B.I.B.



The Boys Scouts Association

Londres, 7 de Abril, 1933

(Tradução)

Caro Macintyre,

Li com o maior interesse o seu relatório sobre os serviços prestados pelos "Boys Scouts Paulistas" durante a recente guerra civil e congratulo-me com grande prazer com todos vós, pelo magnífico trabalho realizado no serviço da Cruz Vermelha, atendendo aos doentes e feridos, assim como em alguns casos, aos habitantes necessitados.

Os scouts demonstraram, pelo dever do próprio sacrifício a bem do próximo, dever esse mantido debaixo de duríssimas condições e perigo pessoal, que eles possuem o verdadeiro espírito do Escotismo.

O "record" do seu magnífico trabalho será avidamente lido pelos seus irmãos scouts de outros países e o seu exemplo será uma inspiração para outros estarem "Sempre Alerta", afim de procederem como eles, caso ocasião semelhante se apresente.

Eu cordialmente desejo-lhe, assim como a todos os chefes e scouts, o maior sucesso para um mais amplo desenvolvimento do escotismo no Brasil, para a sua própria felicidade e para o bem desse belo país.

No antretanto, eu orgulho-me deles pelo que fizeram, mantendo alto o bom nome do Escotismo.

Seu sinceramente,

Baden Powell

Introdução aos Relatórios

Relatório

enviado à "União dos Escoteiros do Brasil"

Os "Boys Scouts Paulistas", incontestavelmente os que, no momento, têm a melhor orientação scout no grande Estado Bandeirante, prestaram durante a revolução de São Paulo, assinalados serviços junto à Cruz Vermelha Brasileira.

A síntese dessas atividades são expostas neste relatório. É com um sentimento de orgulho que se o lê.

Sem idéia partidária, os "Boys Scouts Paulistas" incorporaram-se aos soldados da caridade e os serviços que prestaram valeu não só como uma grande "boa ação" mas sobretudo como trabalho que o Escotismo é capaz de dar.

Trabalhos nos hospitais de sangue e de evacuação, transporte de feridos nas linhas de frente, construção de abrigos para os postos de emergência, adaptação, asseio e instalação nos diferentes serviços hospitalares da Cruz Vermelha, ligação entre os postos de socorro, tais foram, dentre os mais importantes, os auxílios prestados por tão heróicos rapazes, aos quais se agregaram scouts de outras nacionalidades. Nesses árduos e múltiplos misteres de socorrer os feridos foram incansáveis, merecem os justos louvores de quantos os assistiram.

O seu heroísmo e a sua dedicação encheram de orgulho a alma de todos os Escoteiros do Brasil que sentiam serem os nossos lemas "Sempre Alerta" e "Serviço bem cumprido por uma parte da grande família, num momento tão angustioso da vida nacional.

Benjamin Sodré

Velho Lobo

Rio, 1932

28

São Paulo, 5 de outubro de 1932

I

Praticamente, esta entidade começou a existir aos 23 de Setembro de 1932, quando em plena atividade a luta constitucionalista. Iniciado, na noite de 9 para 10 de Julho de 1932, o movimento armado que os Estados de São Paulo e Mato Grosso dirigiram pela imediata constitucionalização do Brasil, como a luta se pronunciasse cruenta, o sr. João Mós chefe geral da "Boys Scouts Paulistas", e J.C. Macintyre, chefe da 1ª tropa inglesa, entenderam-se na manhã do dia 11 com a diretoria da Cruz Vermelha Brasileira, oferecendo os serviços dos seus scouts nos Hospitais de Sangue a serem instalados por essa instituição internacional nos setores de combate. Para este "trabalho, ofereceram seus auxílios as duas tropas de "boys scouts" ingleses desta capital, bem como alguns outros elementos estrangeiros atualmente em São Paulo. A princípio não entendidos pela diretoria da Cruz Vermelha, que mais tarde compreendeu e aceitou a boa vontade dos "Boys Scouts Paulistas", no dia 17 seguiram para o setor norte as primeiras turmas.

A dedicação, o verdadeiro espírito de abnegação desses moços, como os cirurgiões da Cruz Vermelha foram unânimes em reconhecer na correspondência arquivada, levaram essa instituição a solicitar novas turmas, além dos serviços locais, que estavam desde logo sendo prestados pelos scouts menores e "lobinhos".

A princípio, por deferência especial aos boys scouts estrangeiros, confiou-se a direção desses trabalhos ao scout-master J.C. Macintyre, que se manteve com brilhantismo nesse posto, até que, por necessidade do serviço, foram alguns rover scouts transferidos para o setor leste, permanecendo os demais ao Norte, sob a

29

direção do "rover" José Spina, o qual, igualmente, se conduziu dignamente, com aliás, todos os outros.

Merece registro especial a ocorrência havida com o chefe João Mós, o qual, enfermando em consequência dos trabalhos, foi operado em Guaratinguetá, sendo seguiu licenciado por tempo indeterminado, retirando-se para Campos do Jordão por atenção especial da Cruz Vermelha.

Descrever a dedicação, os sacrifícios verdadeiramente heróicos desses bravos rapazes, se torna desnecessário, eis que está na consciência de todos aqueles que se encontravam no Estado de São Paulo durante a luta apreciar devidamente a maneira pela qual esses jovens cumpriram o seu dever.

II

Ao mesmo tempo em que, junto às linhas de combate, se desenvolvia, com inextinguível dedicação, o trabalho dos scouts, também em São Paulo se desdobrava a atividade de crescimento e se impunha à admiração de todos a atividade dos scouts menores "lobinhos". A comissão Executiva do Ouro, a Comissão da Escola Politécnica, a Cirurgia Odontológica de Campanha, a Sexta Divisão Policial, o Departamento de Assistência aos Retirantes e todos os postos que a Cruz Vermelha instalou foram servidos por esses abnegados rapazes, incansáveis na sua tarefa de socorrer aqueles que necessitavam de amparo, ao mesmo tempo em que distribuíam cartas, transportavam medicamentos, se faziam portadores de comunicações diversas, e ainda cumpriam também galhardamente a sua elevada missão.

Entretanto, eles não se descuidavam do seu preparo técnico, já agora afetado diretamente à reconhecida competência do senhor Rodolpho Malempré. A 27 de agosto, desfilaram pelas ruas da cidade, sob aplausos da população. Essas atividades não poderiam, por certo, deixar de impressionar às ilustres famílias, que não poderiam regatear sua decidida simpatia aos jovens scouts. Daí resultou que inúmeros grupos, entre os quais a Federação "Escoteiros de São Paulo". Esta não se conformou com a inclusão de novos elementos às nossas tropas, todos precedidos com a rigorosa sindicância. Era, pois, indispensável que surgisse uma tribo nova. Graças aos esforços incansáveis do senhor Rodolpho Malempré, coadjuvado por outros dedicados senhores, surgiu promissoramente a 4ª Tribo - "Carajás" - falangista e brilhante, de rapazes distintos, com a qual se enriqueceu nossa entidade. Já agora a "Boys Scouts Paulistas" tomava um vulto notável. Não mais seria possível manter sua modesta organização anterior. As atenções das melhores famílias de São Paulo estavam voltadas para ela. Era forçoso conduzi-la aos seus altos destinos, sob as bênçãos de Deus, ao serviço da Pátria.

30

III

Este período terceiro deve ser retrospectivo: em 23 de setembro de 1932, fundou-se em São Paulo, sob a direção do senhor Rodolpho Malempré, o Conselho Estadual da "Federação dos Escoteiros católicos do Brasil". Um grupo de moços verdadeiramente amantes da escola de Baden Powell constituiu esse núcleo, de onde, nove anos após, deveria surgir a entidade básica do escotismo paulista. Conservou-se em atividade esse Conselho, por algum tempo.

Os meios scouts deste Estado, porém, vieram a se agitar. Debatida a velha questão entre a "União dos Escoteiros do Brasil" e a "Associação Brasileira de Escoteiros", as entidades, grupos, etc, aqui existentes congregaram-se em torno de uma nova sociedade, que seria, sob os auspícios da U.E.B., a orientadora oficial do escotismo no Estado. A elite dos scouts paulistas, formada por aquela plêiade que fundara o Conselho dos Católicos, não se quis aliar a esse movimento unificador, do qual deveria resultar o almejado congraçamento. Foi assim que se cindiu o referido Conselho, passando seus fundadores e outros elementos que a estes posteriormente haviam aderido, a formar a sociedade de fato "Escoteiros de São Paulo". Reunidas as diversas associações, grupos e tribus, fundou-se a "Confederação dos Escoteiros do Estado de São Paulo", que congregou todas as atividades escoteiras do Estado, sob o nome de filiação necessária à "União dos Escoteiros do Brasil", máxima entidade nacional, afastando-se desse movimento apenas a "Associação Brasileira de Escoteiros", pelo seu antigo desígnio. Tudo fazia crer que estava iniciado o trabalho de pacificação há tanto esperado e que seus resultados não se fariam aguardar.

Infelizmente, assim não sucedeu.

Paralisada, por questões internas, a vida da Confederação, um grupo de seus adeptos entendeu, mais tarde, fazê-la ressurgir, aliando do seu grêmio diversos grupos, entre os quais a Federação "Escoteiros de São Paulo". Esta não se conformou com a inclusão de novos elementos às nossas tropas, todos precedidos com a rigorosa sindicância. Era, pois, indispensável que surgisse uma tribo nova. Graças aos esforços incansáveis do senhor Rodolpho Malempré, coadjuvado por outros dedicados senhores, surgiu promissoramente a 4ª Tribo - "Carajás" - falangista e brilhante, de rapazes distintos, com a qual se enriqueceu nossa entidade. Já agora a "Boys Scouts Paulistas" tomava um vulto notável. Não mais seria possível manter sua modesta organização anterior. As atenções das melhores famílias de São Paulo estavam voltadas para ela. Era forçoso conduzi-la aos seus altos destinos, sob as bênçãos de Deus, ao serviço da Pátria.

IV

A sociedade "Boys Scouts Paulistas", sem considerar a situação confusa do escotismo aqui e confiando na ação futura da "União dos Escoteiros do Brasil" (1) deliberou, desde logo, organizar os seus trabalhos de guerra tendo em vista,

31

exclusivamente, o programa universal da sua escola. E assim agiu, sempre de acordo com as ordens da Cruz Vermelha.

Outros grupos aqui se formaram para auxiliarem a campanha e todos subordinaram a uma organização a que denominaram "Cruzada dos Escoteiros". Solicitados para participarem desses trabalhos, os "Boys Scouts Paulistas" recusaram a o fazer, por isso que os seus serviços estavam já organizados e afetos à Cruz Vermelha. Dessa "Cruzada" se incumbiram a "Associação Brasileira de Escoteiros", e todas as demais associações, grupos, etc.

A "Boys Scouts Paulistas" permaneceu sempre ao serviço da Cruz Vermelha e exerceu, por acréscimo, atividades em outros postos, quando estes eram servidos por elementos da referida "Cruzada". Diante dessa dualidade de pontos de vista era forçoso organizar-se definitivamente a sociedade civil, sob o amparo das disposições do Código Civil Brasileiro. Assim se fez, depois de consultados todos os chefes de tribus, seus elementos mais valiosos e seus diversos amigos, entre os quais pessoas de elevado conceito social.

Foi assim que aos 23 de setembro de 1932, nove anos contados após a fundação inicial de que dá notícia o capítulo terceiro deste histórico, o "Diário Oficial" deste Estado publicava os Estatutos da "Boys Scouts Paulistas". Registrada como pessoa jurídica, sob numero 490, em 26 do mesmo mês e ano, sem solução de continuidade e sua vida social.

V

Encerrando o ciclo de sua fase inicial, esta entidade sempre cumpre o grande dever de registrar aqui os nomes daqueles denodados "boys scouts" que serviram com tão elevada abnegação, durante os dias da luta constitucionalista, numa demonstração eloquente dos seus predicados morais, em bem dos seus ideais de humanidade e filantropia.

Serviram fora da Capital:

- | | |
|------------------------------|--------------------------|
| 1. João Mós | 2. José Spina |
| 3. José Spina Neto | 4. Léo Ribeiro de Moraes |
| 5. Crescencio Spina | 6. José Gayotto |
| 7. Armando Baraldi | 8. Carlos Nobre Rosa |
| 9. Duilio Cunha | 10. Plínio Lares Seabra |
| 11. Orival de Azevedo Moraes | 12. Manoel Kalajian |

Todos estes das nossas tropas

13. J.C. Macintyre
14. Patrick Nixon
15. Bobb Benett
16. Frank Delany
17. Waldemar Heinrich
18. Arnaldo Walker Kennerly
19. Ronald Siciliano
20. Maurício Santos Cruz

Das tropas Inglesas de São Paulo

21. José Pina Figueiredo, "rover" brasileiro
22. Waldomiro Anderson, "rover" lethoniano
23. Tomoo Ikeda, "rover" japonês

Os serviços prestados por estes scouts consistiram em transportes de feridos, medicamentos e de material cirúrgico; instalações elétricas nos Hospitais de campanha; condução de veículos a motor, ligações por meio de bicicletas, registros de entradas e saídas nos postos de saúde, sapa, e todos os demais trabalhos que pudessem ser realizados por "boys scouts" junto às linhas de fogo.

Na Capital, serviram:

"Boy Scouts"

- | | |
|------------------------------|--------------------------------|
| 1. Arnaldo de Andrade | 2. Otavio C. P. de Almeida |
| 3. Tancredo Thomaz | 4. Fernando Geribelo Galvanese |
| 5. Cyro Oscavo de P. e Silva | 6. Silvio Faria |
| 7. Pedro Cavalcanti | 8. Cleso Caiubi Novaes |
| 9. Francisco Sampaio Moreira | 10. José Carlos Martins |
| 11. Claudio Loeb | 12. Osvaldo Moraes |
| 13. Alcides Blois | 14. Roberto Gusmão de Andrade |
| 15. Gaio Vidigal (filho) | 16. Miguel Gusmão de Andrade |

- | | |
|--------------------------------|---------------------------------|
| 17. Jaime Hodge | 18. Joaquim Leite Guedes |
| 19. Laercio Lobo de Moraes | 20. Fernando Marinho |
| 21. Jaime Castro Barbosa | 22. Silvio Canto |
| 23. Luis Oliveira Barreto | 24. Ascanio Vias Bôas |
| 25. Roberto Almeida | 26. Rui Claudio Barguti |
| 27. Rodrigo Otavio Junqueira | 28. Antonio Sales Sampaio |
| 29. Adolpho Melchert de Barros | 30. Otelo Lugieri |
| 31. Ettore Lugieri | 32. Herminio Ferreira |
| 33. Celio Peneira Amaral | 34. Rui de Almeida |
| 35. José Luis Malta | 36. Paulo Marfins |
| 37. Henrique Leite Guedes | 38. Gil Prestes Bernardes |
| 39. Fernando Gaiotto | 40. Olavo Amaral |
| 41. José Carlos M. Nogueira | 42. Werther Guerra |
| 43. Helio Santi | 44. José Carlos Malta |
| 45. Renato Ribeiro da Silva | 46. Roberto Bitencourt |
| 47. Jorge Horacio Gomes Bononi | 48. Tomaz Saraiva Pimentel |
| 49. Ambrosio Marguti | 50. Gastão Rachou (junior) |
| 51. Carlos de Campos Vergueiro | 52. Carlos Alberto Soares Teles |
| 53. Alvaro de Andrade | 54. Jarbas Carvalho Machado |
| 55. Fernando Sodero | 56. Joaquim Cabral Lopes |
| 57. Armando Rodrigues | 58. Nodji Pestana Catão |
| 59. Alvaro Pestana Barreto | 60. Luis Rossi |
| 61. Manoel Bitencourt | 62. José Silva do Vale |
| 63. Alcides Imperatore | 64. Alberto Spina |
| 65. Osvaldo Grechi | 66. Eduardo Teixeira |
| 67. Alfredo Gloria | 68. Vicente Stanice |
| 69. Danilo Del Debio | 70. Idodo Carletti |

- | | |
|----------------------------|--------------------------------|
| 71. Americo Camasmie | 72. Julio Giovanete |
| 73. Carlos Armami | 74. Nain Neme |
| 75. Angelo Separeli | 76. Mano Camasmie |
| 77. Vando Barbosa | 78. Ademar da Silva Azevedo |
| 79. Quirino Serrasani | 80. Francisco Biagi |
| 81. Arnaldo Spitia | 82. Jorge Carvalho |
| 83. Fernando Lima | 84. Luiz Antonio Manfro |
| 85. Mano Guazzeli | 86. Gera1do Negreiros |
| 87. Orlando Ribeiro Branco | 88. Paulo L. Gallet |
| 89. Jorge Savaia | 90. Antonio Carlos Canto Filho |
| 91. Luiz Geraldo Ferrari | 92. Octavio Gomes |
| 93. Sidnei Blois | 94. Eric Olsen |

Este último e Claudio Loeb das tropas inglesas e todos os demais das nossas tropas.

"Lobinhos"

- | | |
|-----------------------------|-----------------------------------|
| 1. Renato de Andrade | 2. Policarpo Azevedo Canto |
| 3. Paulo Cavalcanti | 4. Armando Sartoreli |
| 5. Luiz Branco | 6. Nelson Alvaro de Andrade Silva |
| 7. Dorival de Luca | 8. Valter Luis José Serena |
| 9. José Carvalho Ferreira | 10. Joaquim Soares Melo Jorge |
| 11. Antonio Cabral Lopes | 12. José Tarcisio Costa Lorena |
| 13. Bento Luis Costa Lorena | |

Todos das nossas tropas.

Serviu na sede da Cruz Vermelha Brasileira, como enfermeiro e massagista, restando ótimos serviços, scout master holandês Antonio H. Weytingh.

Todos estes trabalhos estiveram, sempre, sob a direção imediata dos diretores esta entidade, senhores Rodolpho Malempré e Armando Lorena, os quais tiveram o rover Arnaldo de Andrade o mais esforçado auxiliar.

Ao ser encerrado este relatório, recebemos a seguinte carta: " Ilmo. Sr. Armando Lorena. Saudações. Terminando o serviço estatístico de dados obtidos na Seção Médica da Concentração do Jardim da Infância, durante parte da Campanha Constitucionalista, em São Paulo, e tendo como meu único auxiliar nesse serviço o scout Jorge de Carvalho, desejo que o mesmo seja elogiado no Boletim da Unidade Scout a que pertence, em virtude da pontualidade e dedicação nos serviços que me prestou e perfeita compreensão da responsabilidade que assumiu comigo, reafirmando eloquentemente, com o seu modelar procedimento, o valor da organização scout entre nós. Felicito ainda V. Sa. por ter conseguido reunir tantos rapazes como esse, cooperando assim para a perfeita compreensão e melhor execução do dever de todos. São Paulo, 3 de 10 de 32. (a.) Dr. João Cleomenes Machado".

Por esta forma, terminou, como começou, a ação dos scouts sob nossa direção durante a revolução de 1932 no Estado de São Paulo.

Armando Lorena
Presidente

(1) Nota de revisão: O assunto está hoje inteiramente resolvido, com o reconhecimento oficial da "Federação dos Escoteiros de São Paulo", dirigente máxima do escotismo no Estado

Relatório

enviado ao chief-scout Lord Baden of Gilwell, pela "Boys Scouts Paulistas", por intermédio do chief scout da 1ª tropa inglesa de São Paulo, J.C. Macintyre

(Tradução)

Os "Boys Scouts Paulistas" e seus serviços no recente movimento constitucionalista

Antes de principiar este pequeno relatório dos serviços prestados pelos scouts em campanha, com a Cruz Vermelha Brasileira, quero que fique bem claro que a "Boy Scouts Paulistas" é um grupo separado de "scouts", e talvez o único que aqui segue fielmente o código scout, tal como foi compilado por Lord Baden Powell. Esta pequena, mas crescente Federação, tem feito e está aparelhada para fazer muito mais do que qualquer outra associação paulista, conservando o padrão do escotismo a par com o que existe na Europa e Estados Unidos da América do Norte.

Segunda-feira, 11 de Julho, em companhia do sr. João Mós, um dos chefes da mencionada associação, dirigi-me à sede da Cruz Vermelha Brasileira e pusemos à disposição da mesma os "rover-scouts". A pessoa que nos atendeu aceitou, sem interpeção, o nosso oferecimento, mas, durante a conversa pudemos ver perfeitamente que sua opinião quanto à utilidade dos scouts era um tanto obscura. Entretanto assegurou-nos que nos avisaria, na ocasião em que a Cruz Vermelha desejasse nossos serviços - promessa esta que está ainda para ser cumprida.

Não desanimando, em seguida ao nosso oferecimento fizemos várias outras visitas à sede da Cruz Vermelha durante o dia seguinte ao da nossa primeira visita.

Foi neste segundo dia que tivemos a felicidade de ser apresentados ao sr. Roberto Pompilio, Diretor dos Transportes da Cruz Vermelha, e, durante nossa breve palestra com este senhor, notamos o seu interesse pela nossa oferta, pois lembrou-se dos relevantes serviços prestados pelos "scouts" durante a grande guerra.

Dentro de poucas horas os scouts começaram a prestar os primeiros serviços, montando guarda aos carros e ambulâncias em preparação para a primeira caravana que ia seguir para o setor Norte. Na terça-feira, 12 de Julho, uma reunião dos "rovers" teve lugar na sede da Federação, e eu fui distinguido com o posto de "Chefe" dos "scouts" em Campanha, cargo que me orgulho de haver desempenhado. Embora fosse eu estrangeiro, a escolha provou o verdadeiro espírito de fraternidade. Durante a sessão, expliquei aos presentes os serviços prestados pelos meus irmãos ingleses na Grande Guerra e acrescentei que, de acordo com as informações recebidas da Cruz Vermelha, os nossos serviços seriam talvez necessários na linha de fogo, no cumprimento de nosso dever. Apela para voluntários para esta missão, todos os presentes, no total de 14, alistaram-se imediatamente para cumprir o seu dever na linha de frente. Um espírito mais entusiasta não se poderia esperar logo no início do trabalho que tínhamos a desempenhar.

Quarta-feira, dia 14, fomos chamados a Cruz Vermelha pelo Sr. Pompilio, o qual nos pediu para fazermos um "croqui" do serviço de ligação entre Lorena e São Paulo (Lorena, nesta data, era a linha de frente do setor Norte). Os diretores da Cruz Vermelha desejavam estar preparados no caso de haver qualquer interrupção na linha telefônica entre essas duas cidades (em virtude do início das hostilidades).

Depois de um entendimento com os outros chefes dos scouts, um sistema de revezamento foi adotado. A distância entre os dois pontos acima era de 217 quilômetros; deliberamos, pois, dividi-la em 5 postos de, aproximadamente, 46 quilômetros, sendo que, nessa ocasião, foram prometidas motocicletas para tal serviço de ligação.

No sábado, dia 16, a primeira caravana para o setor Norte estava pronta, sendo composta de 3 ambulâncias, 3 caminhões com os apetrechos de hospital e 3 automóveis para o transporte do pessoal necessário, que era formado das seguintes pessoas: 8 médicos, 7 enfermeiras e 4 estudantes de medicina.

A última hora o nosso arranjo para o serviço de ligação foi suspenso e 5 "scouts" tiveram ordem de acompanhar a caravana.

A caravana partiu de São Paulo no domingo dia 17, às 6 horas da tarde, com o Dr. Arnaldo Pedrosa como Cirurgião-Chefe e o sr. Roberto Pompilio como Diretor

38

dos Transportes. O nosso destino era Garatinguetá e é interessante notar que, depois de 90 dias de campanha, onde avançamos e retrocedemos, nossa última retirada foi feita deste ponto. Os "rovers" designados para seguirem nesta caravana foram: José Spina, José Spina Neto, P. Nixon, João Mós e J.C. Macintyre. Durante a viagem fomos obrigados a parar diversas vezes para reabastecer os carros e fazer pequenos reparos; foi somente às 3 horas da manhã, mais ou menos, que atingimos a cidade de Guará, tendo percorrido a distância de 205 quilômetros em 9 horas. Nesta viagem, a ambulância em que iam os "scouts" sofreu vários reparos entre Taubaté e Pinda, e os rapazes tiveram de experimentar dormir ao relento. Esta ambulância teve má sorte desde o começo da viagem, pois, além de desarranjos no motor, os pneumáticos estouraram em 7 vezes. Que viagem!

Neste dia, 17 de Julho, a linha de frente do setor Norte estendia-se, desde Piquete, Tunel, Queluz, S. José do Barreiro, e o flanco direito desta ia na direção da cidade de Cunha.

No dia 19 fomos reforçados pelos "rovers" R. Bennett, W. Heinrich, Tomoo Ikeda e José Gaioto.

Em Guará o Dr. Arnaldo Pedrosa e o sr. Roberto Pompilio fizeram um plano dos hospitais de sangue e postos avançados, o qual se estabeleceu da seguinte maneira: postos avançados em Piquete, Fazenda Palmeiras (Est. do Rio), Fazenda Santa Rita (Est. do Rio), S. José do Barreiro e Sant'Ana dos Tocos. Cada posto foi ocupado por um médico, um estudante, um "scout" e uma ambulância, com o respectivo condutor. Um hospital de evacuação foi instalado em Areas, composto de 18 pessoas, incluindo médicos, estudantes, enfermeiras, "scouts" e condutores.

Nossa seção de transportes teve também sua base em Areas. Foram instalados hospitais em Cachoeira e Silveiras, e em Guará, a Escola de Farmácia e Odontologia (uma excelente instituição moderna), foi requisitada para servir de hospital e funcionou durante a maior parte da revolução como base da Cruz Vermelha. Nossa rede de hospitais e postos avançados ficou, desta forma, completa.

A instalação do hospital em Guará deu aos "scouts" uma excelente oportunidade para mostrarem seus serviços. Salas de aula foram imediatamente transformadas em enfermarias. O chão foi raspado e desinfetado. As instalações elétricas não eram suficientes para um hospital e foram, por isso, imediatamente reformadas pelos "scouts". Durante o curto espaço de 12 horas a Escola ficou transformada num hospital de sangue de primeira classe, pronto para receber o primeiro contingente de feridos.

39

Depois da primeira quinzena de Julho, com as tropas paulistas na ofensiva, a luta se tornou mais intensa, e logo os nossos postos avançados começaram o trabalho propriamente dito. A seção de transportes, com o corpo médico, não teve descanso, pois o seu serviço não sofreu interrupção.

Em data de 29 do mesmo mês de Julho, os comandantes militares julgaram conveniente fazer uma retirada de São José do Barreiro, devido à inútil perda de vidas na conservação deste posto, e tomaram uma posição mais vantajosa em Morro Frio, mais ou menos 14 quilômetros distante de Areias. Devido a esta retirada, nosso posto avançado de Sant'Ana dos Tocos retrocedeu até Areias.

O "rover-scout" do posto de São José do Barreiro, serviu de cozinheiro e fez todos os demais serviços que se lhe depararam - trabalhos estes que foram desempenhados debaixo do bombardeamento da artilharia. Em Sant'Ana dos Tocos, os "scouts", nas primeiras noites, dormiam nas próprias trincheiras, até encontrarem uma casa que lhes servisse de posto; entretanto, embora a experiência servisse para abalar os nervos, o seu maior aborrecimento foi ataque dos "carrapatos". Aqui, também, os scouts serviram como cozinheiros e ajudantes dos médicos e estudantes de medicina.

Desde a data da retirada supra citada, o Hospital de Evacuação de Areias trabalhou com regularidade e a seção de transportes manteve ligação contínua com os postos avançados. O plano, no seu conjunto, foi o exemplo edificante de um trabalho perfeito.

Creio que os "scouts" do posto avançado da Fazenda Palmeiras jamais se esquecerão do intenso bombardeio da aviação e artilharia federais nos dias 1 e 2 de Agosto, onde se tornava necessário estar de prontidão a, mais ou menos, uma distância de 50 metros da linha de frente. Merece menção o dia 2, especialmente, data em que o bombardeio começou às 10h30min e terminou às 21h30min, sendo que algumas centenas de granadas 75 e 105 atingiram as proximidades de nossa linha, seguidas do bombardeio da aviação militar, que se fazia notar toda a vez a artilharia federal cessava o canhoneio.

O bombardeio estava no princípio quando, repentinamente, distinguimos ao longe, um forte rumor que se aproximava, e tão intensas eram as detonações, que estávamos certos de que eramos alvo das peças e calibre 150 das tropas federais. Um oficial de artilharia de montanha, que se achava no nosso posto, recebendo os primeiros curativos de um ferimento na mão, para nos "tranquilizar" afiançou-nos que os federais estavam atirando com 4 peças simultaneamente. Até às 11 horas da

40

manhã as granadas explodiram a 100 metros atrás de nosso posto, causando pequenos estragos e oferecendo-nos assim uma pequena segurança. A esta altura o bombardeio enfraqueceu e os dois estudantes de medicina de nosso posto tentaram atravessar o terreno afim de verem se descobriram um abrigo melhor; porém, como se tivessem caído do céu, surgiram 4 aeroplanos federais, bombardeando as nossas linhas e a casa da fazenda ocupada por nós. Os rapazes haviam quase atingido a metade do terreno, quando inúmeras bombas explodiram em redor deles e é quase inacreditável ver os nossos companheiros correndo na nossa direção, ileso, porém com os nervos abaladíssimos. Isto foi um verdadeiro milagre, a julgar pelos numerosos buracos que pudemos ver num raio de 30 metros do local onde eles se achavam. Depois do almoço, o fogo das baterias federais principiou novamente, porém com a alça de mira mais reduzida, do que resultou ser a casa da fazenda atingida, ficando os dois últimos compartimentos reduzidos a escombros. Nesta ocasião 3 soldados do 4º R. I. ficaram feridos e um jovem "chauffeur" de nosso grupo foi ferido por um estilhaço de "shrapnel", no joelho. A estes feridos e outros, foi dispensada imediata atenção e transporte para Areias. A vista do sucedido e certos de que a nossa posição tinha sido descoberta, decidimos retirar-nos até um bosque situado a 300 metros da linha de frente. Como acima disse, o bombardeio continuou até a noite.

Os dezessete "scouts" que tomaram parte na campanha, daqui por diante ficaram distribuídos da seguinte maneira:

Em Areias e postos avançados: José Spina, R. Bennett, João Mós, P. Nixon, T. Ikeda, W. Heinrich e J.C. Macintyre

1º Hospital (Silveiras): J. Pina Figueiredo, José Gayoto

2º Hospital (Cachoeira): José Spina Neto, Crescencio Spina

Hospital-Base (Guará): Léo Moraes, Frank Denaly, Arnald Kennerly, Manoel Kalajejan, Armando Baraldi, Dulio Cunha, W. Anderson

No dia 8 de Agosto as tropas federais voltaram à carga com forte pressão, coadjuvantes pela artilharia e aviação, forçando nosso flanco esquerdo a recuar de Queluz. Desta ofensiva resultou o perigo de nossas posições da Fazenda Palmeiras, Santa Rita e Morro Frio, serem atacadas pelo lado e pela frente, do que também, dar-se o caso de ficarmos com a retirada cortada.

Assim, fomos obrigados a recuar até Silveiras, para ficarmos com a nossa frente em linha. Esta retirada foi feita à 1 hora da manhã do dia 9 de agosto; um trabalho surpreendente; e causa estranheza o fato de haver mais feridos por acidentes

41

de automóveis do que pelo fogo inimigo. Isto devido ao serviço de transportes ser feito, em vários pontos, com a luz apagada.

Com a mudança de nosso "front" fui obrigado a transferir a maior parte dos "scouts" para as posições da retaguarda, permanecendo somente dois em Silveiras. Os "scouts" restantes foram divididos entre Cachoeira e Guará. Os deveres dos dois "scouts" de Silveiras incluía a lavagem de pratos e chão, ajudantes de cozinheiros, cozeiros, intendentes e fazer duas visitas diárias aos postos avançados da Cruz Vermelha, com o material de emergência e comida. Este serviço foi desempenhado, apesar de todos os obstáculos interpostos. Neste tempo, o nosso hospital de evacuação foi instalado em Silveiras e a seção de transportes tomou lugar na mesma cidade.

Com as retiradas acima ditas, o aumento do número de feridos e a transferência do hospital de Silveiras, juntamente com a aparelhagem e o pessoal para Cachoeira e Guará, nestes dois hospitais o número de feridos atingiu 250. Esta cifra, porém, não pode ser tomada como número de feridos neste Setor, nesta data, pois, muitos foram enviados diretamente de Lorena em trens próprios para São Paulo. A vista do aumento diário de feridos e doentes, foi necessária a instalação de mais dois hospitais em Guará. Nesta cidade, os "rovers scouts" foram divididos em grupos sob as ordens de 3 chefes para servirem nos hospitais. O serviço compreendia o dia e a noite vigiando as enfermarias, servindo de mensageiros e padoleiros.

Durante este período a artilharia de ambos os lados entregava-se a verdadeiros duelos durante dia e noite. A aviação federal, de fato, desde o começo, fazia-nos 3 visitas diárias, com seus 4 ou 5 aeroplanos de cada vez. E sempre vinha jogar-nos algumas bombas à hora do almoço, como para servirem de aperitivo.

Neste tempo (28 de Agosto) uma caravana da Cruz Vermelha se estava preparando em São Paulo para seguir para o Setor Oeste, e estando eu em São Paulo gozando da licença de 48 horas, solicitei-me que arranjassem 6 rovers para guiarem as ambulâncias da mesma. Para atender a este pedido fui obrigado a retirar 4 rovers do Setor Norte, que, com os dois que aqui se achavam, perfaziam o número de "chauffeurs" desejado.

Às 3 horas da tarde de 29 de Agosto, os rovers partiram para o Setor supra dito numa caravana composta de 8 carros.

Lindóia era o nosso destino, mas, devido à ocupação desta cidade pelas tropas federais, na tarde de nossa partida de São Paulo, fomos avisados em viagem para permanecer em Mogi Guassú.

42

Chegamos a esta cidade às 7h30min da tarde e logo em seguida, procedemos à instalação do nosso hospital no Grupo Escolar local. À meia-noite, mais ou menos, os primeiros feridos começaram a aparecer. Em 31 de agosto as tropas federais principiaram uma grande ofensiva e avançada sobre Mogi Guassú. Infelizmente, não recebemos aviso deste movimento em tempo e à última hora tivemos de nos retirar às pressas. Tivemos somente o tempo necessário para transportar os nossos feridos para Campinas, porém, não foi suficiente para salvar os nossos apetrechos.

A ordem para esta retirada foi tão inesperada que nos veio colher justamente quando nossas ambulâncias se achavam fora, em serviço, e os caminhões tinham ido buscar mantimentos, ficando somente um carro Ford para transportar 9 pessoas que se achavam em nosso posto. Finalmente, o carro ocupado pelo pessoal, bagagens e demais objetos de valor, do equipamento do hospital que pode ser salvo partiu. Realmente era de fazer rir o ve-lo, pois havia bagagens sobre a capota, estribos, paraquedas, "scouts" sentados nos paralamas, pendendo para fora as pernas de alguns ocupantes do carro. Como carro, não se podia reconhecê-lo mas, em todo o caso, serviu para nos tirar dali.

Depois desta retirada, o dr. Brasilino Vaz de Lima, nosso cirurgião-chefe, confiou-nos a direção da seção de transportes da Cruz Vermelha neste setor. Todas as ambulâncias e carros de nosso equipamento foram dirigidas por nós e mantivemos contínua comunicação com as linhas de frente e hospital de evacuação, (Fazenda Santa Cruz, Jaguarí).

Durante a permanência de três semanas neste setor, tomamos parte em 4 avançadas e 5 retiradas e servimos em Mogi Guassú (2 vezes), Mogi Mirim, Jaguarí, Pedreira, Nova Lausane e Carlos Comes. A linha neste setor era um tanto falha e podia-se notar claramente a firme decisão das tropas federais em querer tomar a cidade de Campinas para servir de chave às suas operações.

Foi durante a nossa segunda estadia em Mogi Guassú, quando o pessoal da Cruz Vermelha teve ordens para acompanhar a retirada geral para Jaguarí, que uma oportunidade única se nos apresentou. A maioria das tropas paulistas deixou a cidade e o equipamento da Cruz Vermelha estava pronto para partir, quando um "scout" foi informado de que três famílias estavam impossibilitadas de sair da cidade quase abandonada. Antes da partida do pessoal da C. V., nossos rovers pediram licença ao dr. Brasilino para ficar, afim de procederem o transporte das mulheres e crianças que ainda permaneciam na cidade. Recolhidas estas pessoas em vários pontos tivemos, afinal, ensejo de sair de Mogi Guassú, cidade esta que estava já

43

completamente abandonada e que prestes ia ser ocupada pelas patrulhas avançadas das tropas federais.

Neste setor sofremos muito mais com os mortíferos ataques da aviação federal, representada por aviões de caça voando em baixa altura sobre as estradas de rodagem, em procura de caravanas para destruir. Aqui fomos alvo da metralha de um destes aeroplanos. Este incidente teve lugar na estrada entre Mogi Mirim e Mogi Guassú. Durante o transporte do equipamento do hospital num dos nossos caminhões, vimos surgir 4 aeroplanos, ninguém sabe de onde, e um deles avistando nosso carro veio, em nossa perseguição. Dirigimos o caminhão para baixo da folhagem de uma árvore e, pulando fora, deixamo-nos de comprido a uma pequena amurada que circundava uma casinha. A este tempo o aeroplano baixou sobre nós e, se o nosso capacete fosse tão grande para cobrir-nos até o tomazelo, então sim, poderíamos ter mais amplo senso de segurança. O ronco do motor avizinhava-se cada vez mais e de repente parou. Este silêncio avisou-nos da chuva de balas prestes a cair. O seu erro nesta manobra salvou-nos. Janelas que estavam a 6 metros de distância mais ou menos, completamente em pedaços, são as testemunhas de nossa miraculosa salvação. Assim que o aeroplano saiu, três "scouts" correram a abrigar-se no mato afim de escapar a outra provável investida.

Na Fazenda Santa Cruz (Jaguarí) os rovers construíram o seu primeiro abrigo subterrâneo, que mereceu elogios dos oficiais que o visitaram.

A 17 de Setembro, a caravana da Cruz Vermelha que servia no Setor Oeste foi chamada a São Paulo, ficando o próprio Corpo de Saúde do exército no controle deste serviço nesta zona, empregando o seu pessoal próprio.

Os "scouts" incluídos nesta caravana tiveram ordem para seguir mais uma vez para o Setor Norte, afim de servirem na seção de transportes da linha de frente da Cruz Vermelha.

Chegando a Guará, fomos informados de que a linha de frente estava agora estendida de Pedregulho (Serra da Mantiqueira) atravessando Engenheiro Neiva, Serra Quebra Cangalha e acabando em direção de Campos Novos de Coada

Guará estava, nesta ocasião, com um aspecto inteiramente diferente, tendo sido abandonada pelo último dos 45.000 habitantes que ela tem de população, devido à sua proximidade da linha de frente. A cidade foi, então, ocupada pelos poucos oficiais do E. M. e o pessoal da Cruz Vermelha. O serviço de iluminação foi temporariamente interrompido e as ordens militares eram de molde a proibir qualquer espécie de iluminação à noite. Durante o dia e a noite uma verdadeira matilha de

44

cães famintos cruzava as ruas em procura de alimento. Estes animais, parecendo compreender o espírito de beneficência da Cruz Vermelha rodavam as vizinhanças da praça onde se achava instalado o hospital, enchendo-as de seus lamentos noturnos.

A nossa volta, tivemos o prazer de encontrar nossos irmãos rovers que havíamos deixado há três semanas antes. Vinte e três rovers scouts estavam agora neste Setor: Guará 8, Aparecida 3, Pinda 12. A Cruz Vermelha mantinha cinco postos avançados em serviço, um Hospital de Evacuação em Guará e hospitais em Aparecida e Pinda.

Durante minha ausência no setor Norte, o chefe José Spina, informou-me que uma última retirada tinha sido levada a efeito de Silveiras, no dia 15 de Setembro, e nosso hospital-base tinha sido transferido de Guará para Pinda. No transporte das instalações dos três hospitais para Pinda, merece elogios a seção de transportes da Cruz Vermelha, pois, além dos 400 feridos e doentes, foi feita a remoção de todos os apetrechos no curto espaço de 24 horas.

Estando o hospital de evacuação de Guará a um quilômetro somente da linha de fogo, podíamos ouvir distintamente o "pipoca" dos fuzis, e o "canto" das metralhadoras pesadas, enquanto que a ação das nossas baterias atraía o fogo das baterias federais.

Aqui alguns rovers serviram nos postos avançados como "chauffeurs" das ambulâncias.

O "scout" com sua ambulância permanecia de prontidão abrigado num bambuzal, a 100 metros, mais ou menos, da linha de fogo, em companhia do médico ou estudante de medicina. A chegada dos feridos, as necessárias injeções eram aplicadas e os primeiros curativos ministrados. O rover, então, carregava os feridos em sua ambulância para o hospital de evacuação de Guará.

Atrás deste hospital os scouts trabalhavam na construção de abrigos para o pessoal da Cruz Vermelha. Primeiramente, tiveram de encher centenas de sacos com areia e costurá-los. O transporte destes, nas costas, era um serviço verdadeiramente estafante, mormente porque era executado debaixo de um sol azarador. Entretanto, parte do grupo já havia feito idêntico, trabalho no setor Oeste, sob as mesmas condições e agora trabalhava sistematicamente.

Alguns dos rovers, durante as viagens de caminhão de Guará para Pinda, escaparam milagrosamente da mira dos aeroplanos.

A posição da linha, como acima ficou dito, teve ligeiras modificações até 1º de

45

Outubro, data em que foi feita a última retirada. Esta retirada ficará na lembrança dos rovers scouts melhor do que qualquer outra, pois tivemos de trabalhar 48 horas consecutivas, sem dormir e alguns sem comer. Na noite precedente a esta retirada, ficamos de prontidão para qualquer emergência. No dia seguinte ocupamo-nos em encaixotar nossos apetrechos do posto de Guará e em limpar a Escola de Farmácia. Às 6h30min da tarde a ordem para a retirada geral foi-nos transmitida. A esta ordem os scouts em Aparecida ajudaram-nos na evacuação do seu hospital para Pinda.

Chegando a esta cidade, juntamo-nos aos rovers componentes de nosso grupo, que ali se achavam trabalhando na retirada final, no transporte de 300 feridos para São Paulo, serviço este que foi executado no curto espaço de 4 horas. O encaixotamento dos apetrechos do hospital foi feito durante a noite e somente terminou no dia seguinte, na ocasião em que todo o pessoal da Cruz Vermelha voltava para São Paulo, à vista do armistício assinado entre as tropas federais e constitucionalistas.

Como um ponto de comparação com a primeira caravana para o Setor Norte, dou, a seguir a relação do pessoal que voltou no dia 2 de Outubro: 30 médicos, 16 estudantes, 14 enfermeiros, 3 farmacêuticos, 3 dentistas, 9 enfermeiros, 23 scouts sendo que destes, 6 serviram como "chauffers" e mais 18 "chauffers", num total de 114 pessoas. O número de carros, incluindo as ambulâncias de nossa equipe, foi elevado a 22. Durante a nossa ocupação no Setor Norte, se verificaram cerca de 3.500 casos, entre feridos e doentes, que passaram pelo nosso Hospital de Evacuação.

Relembrando os 80 dias de serviço com a Cruz Vermelha Brasileira, revejo o trabalho dos "scouts" com verdadeiro orgulho. O grupo, sem distinção de nenhum componente, provou ao mundo scout sua fidelidade aos dez mandamentos da Lei do Scout, durante as mais severas provas, com abnegação e entusiasmo.

Creio ter também, o direito de mencionar que, durante nossa permanência em Guará, no Hospital de Sangue, foi feito um apelo aos voluntários, a fim de ver se alguém quereria ceder 200 gramas de sangue para transfusão a ser aplicada num soldado ferido e que se achava muito fraco. Quatro "scouts" imediatamente se ofereceram. Após a classificação do sangue, a transfusão foi feita de um dos nossos "scouts".

Temos um grande dever de gratidão para com o sr. Roberto Pompilio e dr. Arnaldo Pedroso, que nos deram esta oportunidade. Foi uma honra o poder servir-lhes. Não fossem os ensinamentos ministrados pelo sr. Pompilio e estou certo de

46

que o serviço de transporte a cargo dos scouts não teria atingido um êxito tal, especialmente no Setor Oeste. No dr. Arnaldo Pedroso encontramos um verdadeiro amigo e, como um fator de interesse, se torna necessário dizer que este cavalheiro foi acompanhado, durante toda a campanha, pela sua senhora e filhos. A senhora Pedroso e a senhoria sua filha estavam à testa do serviço de distribuição de mantimentos em Guará, o que compreendia longas e estafantes horas de serviços, enquanto que o filho, o senhor Pedroso Junior, estudante de medicina prestou relevantes serviços nos hospitais.

Os rovers scouts a serviço da Cruz Vermelha Brasileira, nos Setores Norte e Oeste foram:

José Gaioto, José Spina, João Mós, Armando Baraldi, José Spina Neto, Duílio Cunha, Crescencio Spina, Manoel Kalajejan, Ouirival Azevedo, Plínio Lares, Manoel Rosa, J. Pina Figueiredo, Valdomiro Anderson, Patrick P. Nixon, Arnaldo Kenerly, Frank Delany, Léo Moraes, Tomoo Ikeda, R. A. Bennett, Valdemar Heinrich, C. Gomm, Ronald Siciliano e J. C. Macintyre.

Da relação supra os últimos sete serviram também como "chauffeurs".

Sob a direção dos senhores Armando Lorena e Rodolpho Malenpré respectivamente presidente e diretor técnico da "Boy Scouts Paulistas", 107 scouts ocuparam-se em diversos serviços na cidade de São Paulo. Assim os scouts e rovers da então federação "Escoteiros de São Paulo" hoje "Boys Scouts Paulistas", que prestaram seu auxílio na recente revolução, atingiram ao total de 130.

São Paulo, 12 de Outubro de 1932

(a) J.C. Macintyre

Chefe dos "Scouts em Campanha"

47

Trechos de Alguns Diários dos Scouts em Serviço

São Paulo, 15/7/1932

No dia 15 de Julho, às 4 h. da tarde, achando-se presentes todos os chefes e rovers que foram convocados para aquela reunião, tomou a palavra o João Mós, chefe do Conselho da nossa Federação. Depois de explicar que os presentes foram honrados com a chamada para a formação da 1ª turma que seguiria para o "front", perguntou, simplesmente, quais os que se dispunham a partir no dia seguinte.

Como impelidos por uma mola, todos ergueram os braços em forma de saudação. Organizou-se então a seguinte turma: J. C. Macintyre, José Spina Neto, José Spina, Tomoo Ikeda, José P. Figueiredo, Crescencio Spina, José Gaioto, Léo Moraes, Patrik Nixon e João Mós.

Em seguida o Mós propôs que se escolhesse um chefe para dirigir os nossos trabalhos junto à Cruz Vermelha, sendo por todos aceito que o cargo fosse confiado ao chefe Macintyre, por ser ele chefe do nosso "Campo Escola" e por sua experiência na Grande Guerra.

Fomos, logo depois, informados dos primeiros trabalhos que nos iam ser confiados, passando o Mac a explicá-los, de acordo com as instruções recebidas da C. V.

Um mapa detalhado foi estendido sobre uma longa mesa, sobre a qual nos debruçamos atentamente. Ouvimos, então, as instruções: Seguiríamos na caravana da C. V. para servirmos, primeiramente, como elementos de ligação entre Guaratinguetá e São Paulo, comunicando-nos, sucessivamente, por meio de automóveis, motocicletas e bicicletas, como o momento o permitisse.

Atendendo prudentemente, pela pior hipótese, fomos dispostos de maneira a podermos nos comunicar por meio de bicicletas. Éramos 10. Passando o lápis sobre o mapa, calculando as cidades e suas distâncias, concluiu-se que cabia percorrer a cada um, uma média de 30 a 40 quilômetros, e nós sabíamos já de antemão que, pelas instruções da C. V., a turma não poderia ser aumentada.

48

Mau grado a arduidade da tarefa ninguém vacilou. Ninguém perguntou: como? A ordem era esta: É preciso, o programa foi este: faremos.

Findo o conclave, separamo-nos alegres e pressurosos, advertidos de que à noite encontrar-nos-íamos de novo para os últimos avisos.

Passando por uma larga janela do arranha-céu, em que estávamos, nos escritórios da "Metropolitan Vickers", encontrei o Tomoo, embebido a olhar a cidade que se estendia lá embaixo.

— Que é isso, Tomoo? Pensando? Ele olhou-me com os seus olhos orientais e, falando-me mais através das suas pupilas de amêndoa que com os lábios, disse na sua linguagem característica:

— "San Palo é gandi..."

— São Paulo não é Ghandi, respondi. Ghandi é muito raquítico. São Paulo é Hércules.

Já na rua eu pensava: com que palavras explicar em casa a contingência da situação?

No bonde em caminho fui "ruminando" um discurso, cheio de palavras bonitas e bem sonantes.

Em casa ensaiei, por três vezes, contar tudo, não o conseguindo. Na mesa ninguém falava, parecia que já se adivinhava qualquer coisa. Quase ao fim do jantar, propondo-me a falar, emaranhei as palavras na garganta, só conseguindo dizer: eu também vou... Meu pai fixou-me sem dizer uma palavra. Minha mãe parece ter dito alguma coisa, que eu não ouvi. Não podendo ficar mais, levantei-me, e, tomando o chapéu, sai.

Na rua tudo parecia diferente. As casas tinham uma coloração esquisita.

A luz iluminava menos... Longe cantava um galo retardatário, mas as suas notas eram imateriais, e eu, como se sonhasse, parecia viver uma outra vida, distante daquela que rodava aos meus pés.

A partida, marcada para o dia seguinte (16) à tarde, não se efetuou, ficando transferida para a noite. Como não fora marcada hora, e a noite muito longa, permanecemos de plantão até o amanhecer, quando descobrimos que só seguiríamos às 11hs.

Reunidos novamente às 10h, às 10h e meia formávamos em frente a nossa sede.

49

Notei naquele momento que o número da nossa turma houvera crescido. Os dez de ontem atingiram agora a vinte e um. Soube, então, que a C. V. solicitara o apresto da segunda turma e que esta já se achava constituída.

Desfilamos todos, em seguida, pelas ruas do centro, até a Abadia de São Bento: íamos depositar, naquele vetusto mosteiro, a nossa oração, derradeira talvez. Diante da capela do Santíssimo, nós, que vínhamos risonhos e folgasões, tivemos um momento de recolhimento. Notei naquela ocasião que nenhum pronunciava as orações costumeiras. Certamente, porém, todos faziam ali a mais bela oração de sua vida, abrindo as suas almas e confiando-as a Deus. Talvez conservassem mudos os lábios por não encontrarem palavras tão perfeitas, como as que quisessem para os seus pensamentos.

Veio-me à lembrança o verso de Lamartine:

"Qu'importe enquels mots s'exhale

L'ame devant sou Auteur?"

Depois de recebermos a benção de um monge beneditino, uma senhora de nós se aproxima e coloca sobre o peito de cada um uma medalha representando o santo protetor. Rumamos logo para a séde da C.V..

Aguardamos, inutilmente, a hora da partida que nos atormentava com as suas transferências de hora em hora. Almoçamos na cidade mesmo, num restaurante chinês que era dirigido por japoneses e cuja comida era feita por minhotos, à moda brasileira. Custeou o almoço não sei que bolsa caridosa.

A última hora recebemos ordens de reduzir a nossa já pequena turma para cinco, por falta de condução, e os planos anteriores foram mudados em vista das tropas paulistas terem avançado mais. Iriamos todos para Guará. Com alguma dificuldade, porque todos queriam ir, ficou determinado que iríamos eu, o Mós, Spina, Neto, Mac e o Nixon.

Recebemos ordens de embarcar. Eram 5h da tarde. Acomodamo-nos na ambulância nº 2. Acenamos ainda uma vez, cada qual às pessoas conhecidas que se podiam distinguir entre a massa de povo que nos rodeava, enquanto a caravana, composta por uns doze carros, punha-se vagarosamente em movimento.

Pelas janelas que nos ficavam aos lados víamos passar a cidade que se desenrolava celere, esgargando-se progressivamente.

Por fim passamos a Penha, deixando atrás as suas casas de beiral enegrecido. Ainda por longo tempo, enquanto nos permitia a penumbra da noite que

50

caía, acompanhamos com o olhar a torre característica da igreja da milagrosa Nossa Senhora da Penha e, quando ela sumiu numa curva da estrada, sentimos uma magia indistigível pungir-nos a alma. É que o último marco de São Paulo, que abandonávamos, acabava de ser transposto.

Atingimos, sem parar, Jacarei, onde "jantamos" uns biscoitos da afamada fábrica daquela cidade.

Novamente em marcha, a viagem que até ali fora sem novidades sofreu o primeiro contratempo. O carro enguiçara. Feito o exame, foi notada a falta de um parafuso no carburador. Um pedaço de arame, que um de nós trazia na mochila, solucionou o caso e pusemo-nos novamente a caminho.

O atraso foi vencido, para logo depois distanciar-nos outra vez, com a explosão de um dos pneumáticos. Substituído este, pelo de reserva, continuamos outra vez a rodar.

Conforme subíamos de altitude, em direção à Serra da Mantiqueira, o frio aumentava de intensidade. Embrulhados, enovelados, uns contra os outros, fazíamos-lhe frente como podíamos.

Novo estouro de pneumático, nova parada, e esta, como não era a primeira, não foi a última. Mais seis vezes rebentaram aqueles pneumáticos que, embora novos, estavam resequeados, porque aquele carro esteve parado desde a revolução de 30. Consertando, remendando, "dando um jeito", consegui-se arrastar aquela ambulância de socorro (que mal podia consigo) até quando, como ponto final da "tragédia", rebentaram dois pneumáticos ao mesmo tempo. Ficou resolvido que passaríamos ali o resto da noite.

Eram duas horas da madrugada.

Raiado o sol do dia 18, saímos fora para distendermos os membros "enferrujados", cujos ossos pareciam ter tomado a forma de saca-rolhas. Feito o que, eu e o Russiano, chauffeur da ambulância, fomos até Pinda, que ficava a uns três quilômetros, e onde pudemos consertar melhor os pneumáticos. Nessa cidade soubemos (fantasias da sorte) que o lugar em que pernoltamos chamava-se Socorro...

Voltando para o lugar em que deixamos os companheiros tivemos uma grata surpresa. Um fazendeiro dali de perto nos presenteara com laranjas, café, pão, etc.

Mais reconfortados, e com os pneumáticos mais-ou-menos consertados, pudemos chegar a Guará.

51

No momento em que a ambulância parava no lugar onde havia de ficar, ouvimos o som já muito nosso conhecido, do esvaziamento de mais um pneumático...

J.S.

S. José dos Barreiros, 29 de Julho de 1932

7h. alvorada: arrumação geral. 8 h. preparei o café e depois fui para a enfermaria afim de prestar serviços. Os médicos estavam na Santa Casa trabalhando. Chegou um soldado ferido, com uma bala alojada na clavícula esquerda: faço-o descansar enquanto espera pelo doutor; ele está desesperado por não poder continuar a combater.

Pede que tratem dele quanto antes e que lhe entreguem a bala alojada em seu corpo, pois que a quer mandar para o pai que está combatendo contra ele!

Das 9h15min às 10h45min, pouco mais ou menos, a artilharia das tropas paulistas atirou 57 granadas de 75. Todas elas passaram por cima do nosso posto. Às 11h30min as tropas federais responderam com algumas granadas, variando de 75 e 105. Depois deste bombardeio, além da fuzilaria cerrada, que era comum nas horas das refeições fomos almoçar. À 1h estavam todos na varanda. Fui ao quintal buscar umas roupas que tinha lavado. Quando voltei não encontrei ninguém. Chegando o sr. Pompilio perguntei-lhe se havia alguma novidade. Disse-me que não, e que ia até Areias e voltava logo. Chegaram os demais companheiros e disseram-me que havia ordem de retirada; portanto, é necessário arrecadar tudo: minha mochila. Como sempre, estava pronta. Depois de meia hora de intenso trabalho, as ambulâncias e caminhões que tinham vindo de Areias estavam prontos para partir; nada deixamos. As ambulâncias foram das últimas conduções que se retiraram. Por pouco era-nos cortada a retirada. Foi necessário que a artilharia paulista se colocasse na estrada, para nos garantir. Ao chegarmos a Areias, dois aviões federais perseguiram-nos, mas com a graça de Deus não fomos atingidos pelas bombas. Quando cheguei a Areias encontrei-me com os scouts Spina e Bennett que também chegavam de seus postos avançados em vista da retirada forçada. Abraçamo-nos saudosos. Areias passa a ser uma grande praça de guerra. Morro Frio é o "front". Médicos, enfermeiras, scouts e demais companheiros ficaram alegres por verem chegar seus camaradas de trabalho e que já há tantos dias estavam ausentes em cumprimento de seu dever.

J. M.

52

Dia 30, em vista de haverem scouts em número suficiente neste posto, peço para ir a São Paulo e obtive a licença por escrito, do teor seguinte:

Cruz Vermelha Brasileira

Areas, 30 de Julho de 1932

O snr. João Mós, scout da federação Boys Scouts Paulistas está ao serviço das equipes da Cruz Vermelha, sob as ordens do Destacamento Andrade.

O snr. Mós tem permissão de ir a São Paulo por 3 dias, a partir de amanhã, 31 do corrente, devendo, terminado esse prazo, apresentar-se em nossa base em Areas.

R. Pompilio

Silveiras, 7/8/1932 Chefe do Serviço T. A. A. S.

Iniciamos o dia com relativa calma.

Feito o serviço de costume, na enfermaria, ambulatório e cozinha, nenhuma novidade surgiu.

Às 10 h assistimos á missa. Regressamos às 10h30min e fomos auxiliar o preparo do almoço. Conforme havíamos combinado, seriam escolhidos diariamente três membros para formar uma comissão encarregada de descobrir "cômes". A turma escalada era a minha, a qual consegui causar sucesso, se não pela qualidade, ao menos pela quantidade e originalidade da "bóia". Assim é que apresentamos ao almoço pratos, surpresas tais como: galinha recheada, torta de angú, sardinhas do tempo imperial...

Depois do almoço, "faxina" no alojamento. O Spina Neto descobriu um engenho de moer cana e sua respectiva plantação. Moemos cana até enjoar. Mal tínhamos voltado ao hospital chegou a ambulância nº 3 de Morro Frio, trazendo um homem em mísero estado: pernas e braços atingidos por um "schrappnell". Fizeram-lhe um ligeiro curativo, providenciando uma operação imediata.

Apesar dos socorros prestados, o sargento Acrísio, este era o ferido, falecia.

Logo em seguida veio outra remessa de feridos. Tivemos uma tarde "puxada"; só conseguimos jantar às 8h30min. "Jantamos" café e pão com manteiga, pois o rancho mal deu para os feridos.

Fomos para o alojamento às 9 e pouco e estivemos a cantar algumas canções com acompanhamento de violão.

53

Tiramos a sorte para o plantão da noite. O meu caiu das 5h às 8 h. da manhã. Fui para o "berço" às 10h30min.

8/8/932

Seriam 2h da manhã quando recebemos ordem para nos apresentar prestes no hospital. Ai soubemos a nova: Areias estava sendo evacuada.

Pusemo-nos a postos. Durante toda a noite foi um labutar tremendo. Era um "rosário" de ambulâncias e caminhões, sem fim. Repletas as enfermarias, os doentes foram colocados nas próprias macas, pelos corredores, sala de refeições, ambulatório por toda a parte.

Os levemente feridos cediam as camas aos mais graves.

E conjuntamente com os nossos carros, começaram a chegar tropas e mais tropas. Em poucas horas, Areias em "peso" tinha sido transportada para Silveiras. As poucas famílias que ainda se achavam em Silveiras, cheias de pânico, fugiram, levando baús e trouxas na cabeça.

Pela manhã só se viam soldados que corriam de cá para lá, procurando seu batalhão, sua companhia.

Era uma confusão dos diabos.

Pretendia, às 7h, descançar, mas fui logo obrigado a desistir.

Ordem de evacuarmos o nosso hospital para a retaguarda.

E nova labuta. Primeiramente, começamos a enviar os doentes e feridos.

Mal tínhamos terminado a remessa dos feridos chega-nos uma nova "carrada" proveniente de desastre de automóvel.

Com a pressa de "pirar", o carro tinha encapotado. Remetemos estes também para a retaguarda.

Durante as viagens dos carros, pude folgar, travando conversa com soldados que se encontravam nas trincheiras há vinte e mais dias.

Preparei-lhes café. Tal era a fome que o tomaram sem assucar por não termos mais. Perguntei-lhes se gostavam da vida de trincheira: responderam-me que nos primeiros dias ficaram impressionados. Logo, porém, acostumaram-se. Um deles pediu-me o coador do hospital para poder fazer café na trincheira; dei-lho.

64

Trabalhamos a manhã toda. No nosso ex-alojamento instalamos o "Posto de Sangue".

Segundo soube, as linhas paulistas de frente estão sendo estendidas na saída de Silveiras, rumo de Areias. O grosso da artilharia e Q. G. seguiram para Jataí.

Às 12 h recebi ordem de seguir para Guaratinguetá. Pouco depois consegui condução. Já estávamos de partida quando lembrei-me de que se encontrava, ainda no hospital, agora desinstalado, uma velhinha cega, trazida de Areias com os feridos. Fomos em busca da pobrezinha e a instalamos em uma poltrona "requisitada", pois o caminhão dava tantos solavancos que julgávamos ser cuspidos em cada curva.

Apesar dos "pesares" fizemos uma viagem... boa. Chegamos a Guaratinguetá às 2h40min.

Estávamos com o estômago nas costas... Conseguimos almoço na Casa do Soldado. Mais dispostos, voltamos ao hospital e recebemos ordem de descansar.

Fui dormir às 5h da tarde.

J. G.

Silveiras, 9/8/1932

Acordo pelas 7h15min da manhã. Belo dia de sol. Depois da higiene individual, tomo o meu indispensável café. Dou depois os medicamentos aos doentes, pois essa tarefa era minha de 2 em 2 horas. São tantos que, para não esquecer, preciso ir de lista na mão. Uma cápsula para o doente da cama nº 3, uma para o doente da cama nº 10, duas para o da cama nº 5, e assim por diante.

Às 10 h, vou com os dois outros scouts assistir à missa na Matriz da localidade. O mesmo aspecto de todas as cidades do interior. A igreja matriz, em frente um jardimzinho, ao lado a cadeia pública, mais adiante a farmácia que vende tudo, desde anzol até sal amargo. Na rua principal há um barbeiro que aproveita as horas vagas para exercer a profissão de dentista, faz "extrações e beturações".

A missa terminou às 11h. Voltamos para o hospital instalado na Santa Casa local.

Mal terminou o almoço, chega uma caravana de São Paulo, trazendo mais alguns apetrechos e medicamentos para o hospital. Chega depois a nº 1 de Areias conduzindo um ferido grave atingido por um "schrapnel" que estourou aos seus pés.

65

Logo depois chega um automóvel de Guará, com uma enfermeira, a D. A. e com o dr. C. que ia para Areias. Trouxeram uma carta para mim. Abro-a com avidez: era da O. Uma carta recebida por quem está na frente, traz sempre uma grande satisfação.

É preciso operar o ferido e o dr. A. havia ido para Guará. Às 2,30 tomo o carro do G. afim de chamar o dr. A. e levo um tambor de gaze para ser esterilizado, pois no nosso hospital não há "auto-clave".

O automóvel dava 80, 90, 100 e 110 nas retas. Nos povoados, um bando de galinhas no meio da estrada, des preocupadas, picando aqui, picando ali, passa o automóvel... e záz... lá fica uma de pernas para o ar "estrebuchando".

O auto voava. Um sol agradável banhava toda a estrada. Desde que cheguei não há diferença entre os dias da semana. São todos iguais. Domingo, segunda, terça. Mas hoje, pela primeira vez, tive a impressão de um domingo. Nos campos que ladeiam a estrada de rodagem, o gado pasta tranqüilo. Na porta de uma choupana de pau a pique e barro, sentado num banco tosco, um matuto tira uns acordes de um violão muito velho e ensebado. Tudo tão tranqüilo e banhado por aquele lindo sol de agosto que não parece que estamos em guerra.

Chegamos à Guará às 3h20min, em tempo "record". Fomos para o hospital central. Um vai e vem pelas enfermarias. Era dia de visitas aos doentes. Encontro toda a "turma" conhecida que se mostra alegre por me ver. Tiramos uma fotografia e partimos novamente de volta para Silveiras, com os médicos. Eram 3h55min. Chegamos a Silveiras às 5h. Vou ajudar a fazer o curativo no ferido. Pela primeira vez vejo um curativo sério. Entre os gemidos do ferido, fazem-lhe os primeiros curativos. A este nada há mais a fazer. Morrerá daí a pouco, como disse o dr. A. Conto os ferimentos: só em uma perna são 17 e na outra, partida em três partes, não é possível contar. O pior é que ele fala. Pede que o tratem, suplica depois que o matem, por fim, estorce-se. São precisas 5 pessoas para o segurarem sobre a mesa de curativos. Balbucia depois umas palavras incompreensíveis. Eu seguro a perna para evitar que balance mas, mesmo assim, sinto o ranger dos ossos triturados da perna quebrada.

Mando chamar o capelão para ministrarmos os últimos sacramentos. Chega logo depois e faz a encomendação.

Soube depois que o soldado morto era casado e pai de 8 filhos. Certamente nem de leve lhes passa pela mente des preocupada de crianças que seu pai já não existe. Depois de morto, ajudei a arrumá-lo para ser enterrado. Fui depois com o

66

caminhão levá-lo ao cemitério. A capelinha, muito malesta, não tem uma mesa para depositar o cadáver afim de ser enterrado no dia seguinte. Só existe um banco muito estreito. Serviço lúgubre...

Vou atravessando a alameda principal do cemitério. São 8 horas da noite; tudo escuro. Ando, guiando-me pelo cimento da alameda. Vou pensativo recompondo os fatos desenrolados naquelas últimas horas. Nisto uma ave noturna, que estava pousada em cima de uma coroa de lata, solta um pio fúnebre que mais parece um grito e voa deixando balançar a coroa.

Jantamos tarde. Depois ficamos conversando. Escalamos os plantões para a noite. Um scout e um enfermeiro. Eu fui escalado para ficar das 11 às 2 horas da madrugada.

Como era cedo, fomos para casa onde estava instalado todo o pessoal da Cruz Vermelha. Às 11h vou para o hospital. O plantão decorreu sem novidade.

Horas intermináveis...

Finalmente o relógio empoeirado do hospital bate as duas badaladas. Vou sair para chamar os outros dois que me vão substituir no plantão.

Chegam dois oficiais que pedem para falar ao médico chefe do hospital. Vou ao nosso "apartamento" e acordo o dr. M.. Confabulam os três. Soube depois que era para desocupar o hospital, pois Areias estava sendo evacuada. O dr. M. manda chamar todo o pessoal. Cumpro a ordem imediatamente. É iniciada a arrumação dos objetos do hospital. Chega depois a ambulância com enfermeiras e bagagem que foi possível trazer de Areias. Assim vão chegando, sucessivamente, feridos, enfermeiras, médicos, scouts e todo o pessoal da C. V.

No hospital o movimento é intenso. Não, descansamos um instante. Doentes que chegam, roupas, gêneros alimentícios todos misturados e esparramados pelo chão; fuzis e equipamentos dos soldados doentes, sentados aqui, deitados ali e um vozerio intenso. Os olhos estão pesados de sono, o corpo moído de cansaço...

O que sobressai nessa miséria é o espírito alegre que os scouts mantêm em todas as ocasiões. É o 8º art. da Lei: "O Scout sorri e canta nas dificuldades".

Pelas ruas, soldados, caminhões carregados, canhões, metralhadoras e todo o material de guerra.

As horas passam. A madrugada, uma madrugada baça e triste, vem despontando. O dia nasce finalmente: são 6h; eu vou me "jogar" sobre um monte de

67

colchões. Não tinha ainda adormecido e foram me chamar para a retirada. Vão para Guará todas as enfermeiras. Os doentes e feridos já foram quase todos retirados. Ficamos eu e o Caloto ainda. Ajudo a arrumar o resto da sala de operações que nos custou tanto a instalar e com tamanho capricho. Sinto vontade de chorar enquanto o dr. M. diz: "Isto é a guerra"...

A viagem é um "Deus nos acuda". O caminhão, carregado de objetos, dá solavancos, obrigando-nos a fazer ginástica para nos equilibrar.

Chegamos a Guará.

J. S. N.

Guaratinguetá, 12/8/1932

Conforme decisão do dr. Pedrosa, chefe cirurgião, hoje foi o meu dia de entrar na "faca", pois era necessário que "dona apendicite" não continuasse em suas diabruras. Às 9 h o dr. Marcondes vem dar os últimos "retoques" para eu ir para a mesa. Todos os colegas já sabiam e pedi-lhes que tomassem o maior cuidado para evitar que minha família viesse a saber do ocorrido. Às 10h Miss Holmann vem me buscar; de braço dado fomos para a sala das operações. O 8º artigo da nossa lei "O scout é alegre e sorri nas dificuldades", há muito que estava sendo cumprido. Tinha no pensamento as imagens de minha mãe e irmã. A sala estava repleta de companheiros. O dr. Pedrosa chegou e os convidou a se retirarem; Mme. Regouth (enfermeira mór) aproximou-se e deu-me um beijo na testa, dizendo: "Este é o beijo de tua mãe". Na sala permaneceram: o operador, dr. Pedrosa, dr. Fusco, seu ajudante, dr. Iervolino, que me aplicou a anestesia, d. Olga como enfermeira e, como assistentes, o quintanista Nairo e o chefe scout José Spina. Estava tudo pronto; levantei meu pensamento para Deus e comeci a dormir. Vinte minutos depois já estava na enfermaria: acordaram-me; em volta de minha cama um "mundaréu de gente", todos me faziam perguntas e eu ia respondendo. Sentia-me bem. Carinhos de todos os lados, tanto dos médicos, enfermeiras, scouts como de outros colegas. À= bondosa dona Marta fica servindo de minha enfermeira; o scout José Spina também presta seus serviços de enfermeiro. A tarde correu bem; tive que atender a muitas visitas. A noite comeci a passar um pouco mal ; o dr. Iervolino aplicou-me uma injeção para poder dormir. Fiquei pensando em minha mãe e irmã e em seguida entreguei-me aos braços do morfeu...

J. M.

58

Silveiras 9/9/1932

"Estávamos de prontidão. Seriam aproximadamente nove horas da noite quando recebemos ordem para enterrar um combatente que tinha findado os seus dias no campo de luta. Assim, poucos minutos depois nos encontrávamos no cemitério abrindo a cova.

A noite estava escura e triste; nas linhas de frente o fogo havia cessado, a solidão do cemitério nos impressionava; tudo, enfim, produzia no nosso íntimo uma emoção tétrica, horrível, indescritível.

A cova não demorou a ser feita. E agora só nos restava desposá-la com aquele corpo frio, que perdera o calor da vida na plenitude da existência. Mas, antes desse ato solene, procuramos debalde identificá-lo. Apenas no chapéu de campanha encontramos sete palavras, não as sete palavras da Cruz, mas palavras que sintetizavam o sacrifício de que ele próprio foi uma das vítimas.

TUDO POR SÃO PAULO — VENCER OU MORRER

Envolvido num lençol, colocamos seu corpo na cova e cobrimo-lo com profundo respeito. Sobre a sua sepultura deixamos a maca manchada de sangue, a mesma que o trouxera da trincheira e o levara a sua última morada.

A maca manchada de sangue, em vez de uma pedra de mármore, era o único mausoléu para aquele "soldado desconhecido".

J.F.P.

Guaratinguetá, 11/9/1932.

Um dia cheio e uma noite... conto muitas.

Ao amanhecer de hoje, quando Guará recebia os primeiros raios do sol, levantei-me e fui tomar café. Passando, antes, pelo 1º Hospital, que é onde eu trabalho, a primeira pessoa que encontrei, "logo de entrada", foi a enfermeira que gosta muito dos scouts, a d. J.

Para justificar o seu hábito de não deixar passar nem um scout sem pedir alguma coisa, ela incumbiu-me de ir à cozinha buscar as duas cestas maiores para ir ao mercado com ela. Como nós, scouts, estamos sempre prontos para fazer tudo, eu não me neguei, pensando já que iria buscar "la carne". Iamos indo para o mercado quando numa das esquinas desponta primeiro um cinturão arredondado, vindo logo

59

atrás dele o dr. X. Passando por nós ele nos cumprimenta, mas a d. J., que não perdia ocasião de falar, chamou-o.

Depois de uma longa história despediram-se os dois e continuamos a caminho do mercado. Chegando lá, a primeira coisa que ela avista é um belo maço de alface.

Dirigindo-se ao vendedor perguntou-lhe o preço, ao que ele respondeu: dois e quinhentos. Em seguida ela pergunta: Não deixa por três duzentos? O verdureiro, todo espantado, disse que era impossível. Resmungando, foi-se ela pelo mercado a dentro, feito D. Quixote tendo a mim por Sancho Pança.

Depois das duas cestas estarem cheias, ela resolveu ir se embora, e, não encontrando alface noutro lugar, resolveu ir buscar aquelas mesmas, assim mesmo com segunda discussão com o pobre verdureiro. Depois de tudo pronto, ela disse: pode ir "escutero" e entregue as cestas para a cozinheira.

Quando cheguei ao hospital larguei as costas na cozinha e fui para o Q. G., ver se tomava café. Chegando lá encontrei tudo num silêncio profundo. Eram já 9 e meia; fui para a cozinha e pedi um café. "Não ha mais café", foi a resposta. Uma turma de "devastadores" já havia passado por aquela zona.

Resolvi ir para o hospital para ver se lá seria melhor sucedido. Quando desço as escadas da cozinha ouço uma gritaria infernal. Era a d. J. que "estrilava" com a cozinheira. Daí perdi as esperanças de tomar café. Nem entrei na cozinha, porque senão levaria com certeza um "péga brabo". De volta da cozinha encontro o scout Waldomiro, que sabia de uma enfermaria com uma bandeja de canecas. Assaltei-o. Estavam vazias... Pedi-lhe então que me arranjasse um pedaço de pão. Ele foi à cozinha e disse que faltava pão para um "doente", e só assim é que eu consegui "tapear" o estômago.

Chegavam naquele momento duas ambulâncias carregadas de feridos graves... O dr. Marcondes saiu da sala de curativos e, vendo iniciar-se aquela atropalhada de sempre, disse-me: Leva macas para lá, scout. Lá fui eu ajudar a "descarregar" aquele pessoal. Findo o serviço. O dr. Marcondes mandou para a sala de curativos um soldado que estava moribundo, tendo-o eu ajudado no seu tratamento.

Já estava na hora do almoço, e eu via que também ia ficar sem ele, quando, por sorte, o dr. Marcondes mandou que eu fosse comer.

Voltando novamente para o hospital, vi chegar uma ambulância das grandes carregada de doentes. Não havendo mais vagas foram levados para o 3º hospital.

60

Como não tivessem camas suficientes, o dr. Andrade mandou que levássemos umas 100 camas para lá, e assim ficamos a tarde toda a carregá-las.

Estando tudo pronto o dr. Iervolino pediu-me que ajudasse a carregar o Milion para mesa de curativos e em seguida o Guerino, indo assim até a hora do jantar.

Depois de ter bem comido estava sentado no jardim do hospital, quando chega um "chevrolet" numa disparada estranha, com um sargento no estribo que gritava: Maca! Maca! Depressa. Eu, sem saber o que era, passei a mão numa que estava ao meu lado e corri para o carro. Do fundo do automóvel tiramos um soldado todo ensanguentado que, disseram, disparara o seu fuzil quando subia para um caminhão para ir às linhas de fogo. Atingindo-lhe o crânio, a bala fez-lhe um rombo de uns dez centímetros.

O pobre homem já estava em estado de coma quando o dr. Fusco enfaixou-lhe a cabeça apenas para que o sangue se estancasse, porque a sua morte era certa. Depois de uns minutos expirava.

D. Olga desenfaixou a cabeça do cadáver e enfiou uma mécha de algodão pela fenda do crânio, empurrando os miolos para dentro, e depois costurou-o.

Às 9 horas da noite foi dada ordem para enterrar o soldado. Como era a minha noite de plantão, fui eu junto com o scout Delany servir de coveiro, e prestamos as honras devidas.

P. L. S.

Guaratinguetá, dia e noite de 12/9/932

Levantei-me às 7h. Manhã bonita, de sol forte. A hora do costume fui ao Q.G. tomar café. Depois, fui ao hospital. Já lá me esperava o Spina, que me mandou ir à enfermaria ajudar a fazer um curativo.

Mais tarde, fui ao primeiro hospital, acompanhar dois doentes ao dentista. Esperamos quase uma hora e, afinal, ele não apareceu. Voltamos ao nosso hospital e pouco depois fui almoçar no Q.G.

O almoço hoje esteve formidável! Houve macarronada, frango e gazoza...

Creio que lá engordei bastante, pois aqui come-se a valer.

Ao voltar para o hospital, ouvi dizer que havíamos perdido Silveiras.

A notícia espalhou-se logo e mais tarde pôs tudo em alvoroço. No hospital só

61

se fala nisso, e cada qual amplia mais a notícia. Alguns mais medrosos dizem que hoje mesmo estarão aqui. Assim, entre ditos e desditos, passamos o resto do dia. A tarde fui jantar no Q.G. A janta não foi igual ao almoço. Não sei porquê, mas creio que foi porque perdemos Silveiras. Até as cozinheiras são boas paulistas: quando ganhamos, cozinham bem e quando perdemos, cozinham mal.

Voltamos eu e o Kalagian ao hospital. O movimento aumentara e já chegavam ambulâncias. As notícias eram más, e o movimento tomara a cidade toda.

Passavam caminhões com tropas e materiais de guerra. As ambulâncias chegavam rápidas e o hospital ia se enchendo.

Eu, que estava encarregado de fazer as fichas, já não dava conta do serviço.

Afinal, completou-se a lotação e fomos, eu e o Kalagian, ao almoxarifado, donde transportamos colchões e travesseiros para o hospital Civil, que estava quase vazio. Ficamos até meia noite nesse serviço, armando camas e arrumando quartos.

Tendo terminado, fomos ao 1º hospital onde nos informaram que chegaria um trem de saúde conduzindo cerca de 90 feridos e doentes. Deveríamos estar na estação antes da uma hora da manhã, com as ambulâncias. Todas elas foram aprestadas, e como não bastassem, transformamos os auto-caminhões em ambulâncias, pondo as macas restantes dentro. Tudo pronto, partimos para a estação. Fui num dos caminhões e apesar de estar na frente, tive a impressão de que o auto tinha rodas quadradas. Só me faltou ser atirado fora, tal a velocidade e os solavancos que dava.

Finalmente aparece a estação e tivemos de contorná-la para entrarmos no pátio. Lá já estavam várias ambulâncias enfileiradas. A estação estava repleta. O trem, que deveria chegar à 1h já estava atrasado, pois passavam 15 minutos. Parado na estação estava um trem de cozinha, com muitos fogões de campanha. Momentos depois, esse comboio segue, deixando livre a linha. Ouve-se apitar ao longe e corre a notícia de que é esse o trem que esperávamos. Toda a estação movimentava-se, preparam-se as ambulâncias, abrem-se as portas, retiram-se macas e quando o comboio se aproxima, verificamos não ser o esperado: está conduzindo tropas. Dele desce um grupo de combatentes e um deles, puxando por um pandeiro, exprime-se em cantigas desafinadas, seguido pelos outros. Pouco a pouco formou-se um grupo e assim passamos mais de uma hora a ouvir o cantor, que parecia não mais calar. Ouve-se outro apito e os carros movem-se arrastando no barulho férreo a voz do cantor que pouco a pouco desaparece.

62

Grupos se formam pelo pátio. No nosso, com excedo do Spina, estão todos.

Conversamos e como está frio, entramos em uma ambulância. Pouco depois, movimentam-se tudo: desta vez era ele mesmo. Aprontamos tudo e ficamos a postos.

Um farol brilha distante, soa um silvo agudo e pouco depois o comboio entra. Eram três horas. Na ambulância em que eu viera colocamos dez doentes e rumamos para o 1º hospital. Este já estava repleto. Seguimos para o Civil, onde depositamos os doentes. Vamos voltar para a estação, mas o dr. Marcondes me mandou para a cozinha ajudar a fazer café para o pessoal. Com a pressa, esqueceu-se de me indicar onde ficava. Remexi todo o hospital até que, dando de novo com o dr. Marcondes, indicou-me o fundo do quintal, onde se achava a cozinha...

Indo para lá, encontrei o Kenerly acendendo fogo. Ajudei-o nesse serviço e depois pusemos a água para ferver (3 latas de 20 litros). Enquanto fazíamos isso, o quintal ia se enchendo de doentes, que vinham para tomar café.

Passada uma hora mais ou menos, a água começou a ferver. Procuramos um coador e achamos: uma fronha de travesseiro, que seguramos pelas pontas enquanto o dr. Marcondes jogava água por cima do café, que caía em um balde.

Eram 5h, quando começamos a distribuir o café. Cada soldado recebia um pãozinho e uma caneca com café. A distribuição durou cerca de uma hora, e tendo terminado às 6h da manhã, fomos descansar um pouco, porque às 8h deveríamos estar no hospital novamente. Passamos 24hs. em serviço, sem interrupção alguma.

C. N. R.

Pindamonhangaba, 20/9/1932

Hoje foi um dia cheio. Lá pelas 2hs, pediram-me para levar de bicicleta um recado a Guaratinguetá, distante de Pinda 40 quilômetros, por não ter na ocasião condução alguma. Às 2 1/2hs., saí de Pinda, tomando logo a estrada principal. O tempo estava magnífico, apesar do calor começar a fazer-se sentir. Nos primeiros 6 quilômetros a estrada apresenta muitos altos e baixos, o que me esgotou bastante, pois a bicicleta era imprópria para tais viagens. Mas assim mesmo fui pedalando e olhando por baixo do capacete que teimava em cair-me sobre os olhos. O sol a pino caía-me impiedoso sobre as costas, alagando-me de suor, e a moçila dançava loucamente uma marcha cadenciada. Entrei logo depois na longa planície que media entre as duas cidades, cujo aspecto era bem interessante. A minha direita, a longa planura a perder-se de vista, semeada de árvores isoladas, floridas de azul e amarelo.

63

À esquerda o mesmo aspecto, somente, limitando o horizonte, a Serra da Mantiqueira, longínqua e azulada pela distância. Pela frente, a estrada enrolando-se e desenrolando-se sobre si mesma a aiém uma região montanhosa ainda acinzentada pela bruma. Eu pensava entre mim que para subir aquilo precisaria arranjar umas novas pernas, pois mesmo no plano a bicicleta guinchava que metia dó. Sentia menos calor pois soprava uma fresca brisa vinda da campina, trazendo um delicioso perfume de flores, que eu respirava com prazer. Afinal comecei a subir a encosta, mas teimava em não parar para não esfriar e enguiçar de todo. E daí por diante foi um contínuo sobe morro, desce morro, numa paisagem quase monótona, sem outros obstáculos que não as próprias elevações do terreno. As minhas pernas já estavam entorpecidas e as subidas cada vez mais íngremes. Ao principiar a subir uma forte rampa, as pobrezinhas encolheram-se, e recusaram terminantemente movimentar-se. Em vista disso tive de descer e sentar-me à beira da estrada, à espera de que as ditas cobrassem alento. Depois de 55 minutos, prossegui mais descansado e ao fim de pouco tempo, ao atingir o topo de uma ladeira, vi ao longe, numa elevação, as torres de Aparecida. Com isso fiquei tão entusiasmado que me meti numa corrida ladeira abaixo, com risco de dar com os burros nágua, pois era tal a velocidade que ao chegar em baixo os breques não pegaram, tendo eu de largar as rédeas e esperar que a potranca fosse parar onde bem quisesse. Com isso adiantei-me bastante e ao cabo de uns 10 minutos, cheguei ao sopé do morro onde se acha situada Aparecida. Nesse ponto tive de descer outra vez e empurrar a bicicleta até o alto, pois naquele estado nem era bom pensar em subir uma ladeira daquelas montado. Os 4 restantes quilômetros que separam Aparecida de Guará foram vencidos com relativa facilidade por ser a estrada mais ou menos plana, e dentro em pouco comecei a ouvir o "pipocar" das metralhadoras entremeadas pelos tiros dos canhões que se achavam na frente de Guará. Mais 10 minutos e desci à porta do posto da Cruz Vermelha onde dei conta da minha missão às 4 1/2 horas.

Não sei se fui reconhecido na chegada, somente sei que, ao parar à porta do posto, houve um natural movimento de recuo nos presentes, o que atribuo ao meu aspecto que mais parecia o de um "Pele Vermelha", pois o suor fixara a poeira avermelhada no rosto, tomando-me irreconhecível...

C. S.

Guaratinguetá, 22/9/1932

Será possível? Há 63 dias que me encontro longe de casa e até agora a luta continua na mesma, não ata e nem desata.

64

Segunda-feira os nossos evacuaram Cunha. Neste setor estão há 18 kls. De Guará. Ao norte, as nossas trincheiras estão em Engenheiro Neiva, a 4 kls. apenas. Isto tudo é estratégia...

Mas de fato, todos estão certos de que daqui não sairemos. Em todo caso, temos tudo "sobre rodas".

Durante a noite estive de plantão, só conseguindo dormir às 6hs. Saltei da cama às 9hs. A manhã inteira preparamos sacos de areia para a construção do "abrigo". Às 11hs. fomos obrigados a largar o serviço, pois os "urubus" surgiram e começaram o despejo. As nossas "pesadas" cantaram, mas inutilmente. Almoçamos sob um barulho ensurdecedor. Depois do almoço apareceu o vermelho espantado, pois vindo de Aparecida com uma carga, quando passava pelo campo de aviação, foi alvejado pelo "penta", escapando por um triz. O pessoal já está acostumado com os bombardeios. Também, pudera, a coisa não pára...

De tarde a coisa esteve "preta". Os "urubus", depois de bombardearem as trincheiras, começaram um ataque simultâneo com a artilharia dos principais pontos da cidade. Conseguiram atingir o mercado, aquartelamento de soldados, que por felicidade estava no momento vazio e alguns outros prédios.

Fomos chamados para socorrer os soldados, feridos por granadas e metralhas. Alguns populares e soldados procuraram abrigo nas igrejas. Somente nós cruzávamos as ruas, ouvindo por sobre as nossas cabeças o "chiar" das bombas. Somente às 5hs e pouco mais ou menos, o bombardeio acalmou, mas em compensação, a artilharia e fuzilaria continuaram nas trincheiras. A noite chegou, não tínhamos luz, pois a usina fora atingida por granadas. O jantar foi às 8hs, e por sinal estava bom, mormente a sopa de galinha "desapertada".

Pouco depois, chegou o major Aires Bento, comandante do Batalhão 7 de Setembro, que estava ferido na cabeça. O seu estado era grave e nada se conseguiu fazer, vindo a falecer às 10hs. O tenente Marinho, primo do falecido, chegou minutos depois de sua morte, aproximando-se do cadáver e o beijando. Em sua companhia veio o mascote do Batalhão (menino de uns 12 anos), que estava inconsolável. Fui-me deitar às 11hs, nas orações noturnas pedi a Deus que protegesse meus irmãos que combatem, como voluntários do Batalhão Arquidiocesano. Para não perder o costume, dormi ao som do bombardeio.

J.G.

65

Pindamonhangaba 27/9/1932

Noite Macabra

Entramos agora numa estrada escura como breu. Olhar para o céu, para os lados, para o chão; abrir os olhos ou fechá-los, era tudo o mesmo. Tudo negro. Fomos andando pelo instinto, apoiados, um ao outro, para não seguirmos direções opostas.

— Ter-se-ia enganado o caipira?

— Impossível, disse eu. Explicou muito claro: "Virem a premeira esquina à direita, depois passem o trio, e, sempre direito, vão dá no cemitério". Nisto esbarrámos em alguma coisa que rangeu. Era a porteira. Ali, portanto, havia de estar o trilho da estrada de ferro. Atravessamo-lo às apalpadelas e continuamos.

Mas, o que nos trazia, às 9hs da noite, ao cemitério?

Era simples explicar: paramos convidados pelo dr. John Smith e dr. José de Oliveira, médicos do nosso hospital, para assistirmos ao embalsamento de um jornalista morto na madrugada última em um desastre de automovel.

Aquiescemos ao convite.

Porém, retardados um pouco, quando procuramos o automovel que deveria transportar a caravana ao necrotério ela já havia partido.

Propuzemo-nos, então, a irmos a pé, eu e o Armando.

Vestimos as nossas capas impermeáveis e eis-nos agora a caminho.

Mais algum tempo brincando de cabra-cega e eis que divisamos, ao longe, uma claridade amarela e ondulante.

— Lá deve haver alguém, apressemo-nos.

De fato. Alinham-se agora, à nossa esquerda, os altos e alvos muros da cidade inerte e, dentro em pouco, divisamos o necrotério, de cuja porta emanava a claridade.

Aproximamo-nos e espiamos.

Lá dentro, enfiados em brancas e amplas túnicas, quatro figuras movimentavam-se compassada e silenciosamente.

A um canto, sobre um catre, jazia um cadáver. No centro, sobre uma mesa, outro.

86

O vento soprava frio e agitava as vestes; compunha nas grades das janelas uma melodia fúnebre.

Tudo isto iluminado por uma única vela que, bruxoleando a um canto, projetava nas paredes figuras fantasmagóricas.

Para fazermos jús ao ambiente batemos na porta, com os nós-dos-dedos soturna e compassadamente

Lá dentro, os notivagos perturbadores da paz-eterna suspenderam o trabalho e a respiração. Nenhum atrevia-se a olhar para a porta.

Passada porém a primeira impressão, um deles, armado de bisturi e com cara de quem vai à força, veio abrir a porta.

Chegamos em momento oportuno. Iniciava-se a função. Começavam a injetar formol nos principais vasos arteriais.

O serviço era feito com lentidão e muito trabalho, porque faltavam ali material e comodidade necessários.

O vento soprava cada vez mais forte e era preciso fazer um verdadeiro malabarismo para manter acesa a vela. Só depois é que eu, com uma lata de biscoitos encontrada no fundo do automovel, consegui fazer uma lanterna, passando a "vela" por uma abertura feita cru um dos seus lados.

Aquela luz que faria rubor a Edison era, no entanto, bastante útil e mais comoda.

Por serem impróprias as agulhas que estavam sendo usadas e por faltar mais de 70% do material que ainda seria necessário, foi preciso que se fizessem duas viagens até o hospital.

Na segunda, aproveitando a condução, o Armando, que já "estava farto" resolveu voltar, dando por finda a sua curiosidade.

Por essas alturas foi que começaram a abertura do abdomen do defunto, para a retirada do respectivo conteúdo.

Dura veritas, sed veritas...

Quando mais agudas se deparavam as dificuldades daquela tarefa, deu-se um fato que, embora o momento não comportasse brincadeiras, provocou, no entanto, a hilariedade geral.

87

O dr. Smith, segurando com uma mão o figado do inditoso finado e com a outra, o bisturi ensanguentado, inquiriu do seu colega, com uma simplicidade maometana:

— Mas, Oliveira, você já embalsamou alguma vez um cadáver?

— Não.

— Pelas barbas do profeta. Nem eu...

Daí por diante, a operação, que se iniciara com todos os éfes e érres, perdeu todo o seu "que" de científicos.

No início só se falava em peritoneo, apiploon-gastro-hepático, coluna sigmoidal, etc..

Agora era só: pele, músculo, tripa!...

A teoria foi vencida pela prática. O instrumental cirúrgico, de manejo e funções complicadas, foi posto à margem. As longas pinças foram substituídas pelas mãos, que agora entravam e saíam arrancando e destrinchando, trazendo, emaranhada pelos dedos, toda a indumentaria que Deus nos dá.

Essa massa, que a princípio era envolta em alvo algodão, agora era colocada numa cesta de vime, que se esforçava por ser de estilo bizantino.

Esta, que outrora ostentara cândidas flores e odoríficos jasmíns, transbordava, agora, de tripas e sangue, parodiando rubras orquídeas de um infernal jardim.

Esvaziada a carcassa do paciente, ficou esta cheia de sangue e, não existindo ali um aparelho para a sua sucção, o Romão foi encarregado de retirá-lo, tendo-o feito com uma caixa de papelão e passando-o para uma lata.

Era de ver-se a sem-cerimônia com que ele procedia a esse trabalho. Dir-se-ia uma samaritana, inclinada sobre uma cisterna, em dia de sol e de bonança, a colher água no seu cantaro de barro...

Para findar o serviço tornou-se necessário, ainda, injetar formol na caixa craneana. Outra dificuldade. Faltava a broca para perfurá-la. Arranjou-se o furador, (um prego de palmo, torto e enferrujado). Faltava o martelo. Foi trazido um pedaço de tûmulo.

Quadro dantesco!

O crânio, vibrado por aqueles toscos instrumentos, emitia sons surdos, que

88

repercutiam nos quatro cantos do aposento. Enfim, estava terminado. Cogitava-se, agora, com o que empalhar o homem; o que iria substituir tudo aquilo que lhe fora retirado? Não havia algodão. Também não havia gaze em quantidade suficiente.

Mas... "na guerra como na guerra". Tirou-se o paletó do outro, o defunto que estava sobre a mesa. Fez-se com ele um embrulho e, ato contínuo, foi este introduzido na barriga aberta!

Estava terminado o embalsamento.

J.S.

28/9/1932

Esta serra do "Quebra Cangalhas" é um verdadeiro labirinto. Cheia de caminhos em todas as direções, cada um pior que o outro. A 33 (o número da ambulância) já está cansada; além dos caminhos serem péssimos ainda me obrigam a transformá-la de ambulância ligeira em caminhão de muitas toneladas. Estamos na direção de Lagoinha. A todo momento espera-se um encontro com os federais.

A tropa já tomou posições e deu-se afinal o primeiro contato, cujo resultado foi ter a companhia do Tte Nunes aprisionando um soldado da Polícia de Pernambuco e 8 cavalos. Da venda do Chico Turco, onde estava instalado o Corpo de Saúde, recebemos ordem de irmos com todo o aparelhamento para o P. C. do Major Caiado.

Quase ao anoitecer, com a ambulância completamente cheia, saímos em direção ao P. C. Numa encruzilhada encontramos uns cargueiros com metralhadoras. Quando de burro em que ia montado um sargento viu o automovel, espantou-se atirando-o em cima de uns tocos de pau, ficando o homem com a perna em triste estado. Fizemos um curativo ligeiro e embarcamos o dito. Pouco depois escureceu; acendi os faróis e continuamos. Subimos e descemos vários morros de pedra e tínhamos andado uns 15 quilômetros quando ouvimos uma gritaria atrás de nós. O motivo era simples: é que tínhamos atravessado uma das últimas sentinelas avançadas, sem que ninguém nos avisasse. Apaguei imediatamente as luzes e parei o motor. Estava na iminência de começar o "barulho" e o lugar não permitia fazer manobra. Estávamos procurando uma solução pronta para o caso, quando ouvimos um estouro que parecia vir de longe. Eu perguntei então a um sargento: "Então já temos artilharia aqui neste fim do mundo?"

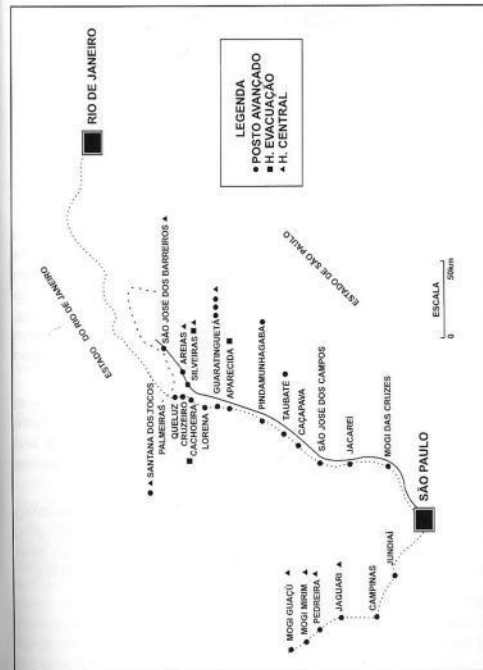
89

— Qual artilharia qual nada, rapaz; com 2 meses de barulho ainda não conheces canhão?..

O homenzinho ainda não tinha acabado de falar quando se ouviu um chiado e a "dita" estourou já tínhamos abraçado o solo patrio. Levantei-me, procurei o Sargento e não o encontrei...

Fui obrigado então a largar a ambulância no lugar em que estava e seguir para o P. C. do major, onde estou agora. A artilharia continua a "cantar", mas fala-se tanto em Armistício que ainda espero salvar a 33.

L. M.



Croqui dos postos onde os rovers scouts prestaram seus serviços

To our Brolber Scouts of all the World

Having concluded this modest little survey of our scout activities during the revolution of 1932, trying to demonstrate that also in Brazil we do our best to put into practice Lord Baden Powell's ideas, we beg to call your valuable attention to the following facts, which may be of interest to you:

Our scout activities take place amidst the most beautiful scenery you could imagine. Who has not heard of the marvellous city of Rio de Janeiro, famous for its glorious natural beauties and of São Paulo the greatest industrial centre of South America, with its skv scrapers and huge factories? Both are great modern cities with close to two millions of inhabitants, presenting every modern comfort. Bello Horizonte, Porto Alegre, Recife, Bahia and Curityba some of the capitals of various States which form the Republica dos Estados Unidos do Brazil, are equally highly developed cities, all over 100.000 inhabitants.

And what about the rest of this huge country, 17 times larger than France, with 8.500.000 ks.2 and 218, whose enormous wealth in minerais, cofée, cotton, cattle etc. surpasses any country in the world? A great net of Railways, highways and navigable rivers facilitates communication up to the most remoted parts of this immense territory.

We would appreciate it, if you, dear brothers, take the trouble of translating this little volume for the use of your brother scouts, for it contains useful and interesting readings for scouts of all nations, offered to them by the Brazilian scouts, who await you with open arms to show you this beautiful land where they are happy to live.

"Boys Scouts Paulista"

a'lux Frères des autres terres

En terminant ce travail, nona nous adressons à vous, frères d'autres pays, Les services que nous avons racontés représentent notre modeste collaboration au patrimoine commun.

Par eux vous verrez aussi qu'au Brésil on cherche a mettre en pratique les enseignements de Baden Powell.

Ce pays, chers frères, est une merveille de beauté naturelle.

Nos cantonnements, nos excursions, nos activités, enfin, se réalisent dans le scénario le plus beau, que vous pouvez imaginer.

La capitale du Brésil (Rio de Janeiro) est une des plus belles villes du monde; sa population en est de 1.900.000 habitants; c'est une grande ville moderne, avec tout le confort, disposant de tous les moyens de locomotion.

São Paulo est une grande métropole industrielle, elle est le plus grand centre industriel de l'Amérique du Sud.

Le panorama de cette ville, dont le centre urbain occupe un grand espace en est tout édifié avec des maisons de dix ou plus de dix étages, il est vraiment superbe.

Sa population en est de 1.500.000 habitants, et l'intérieur de l'Etat est sillonné par d'innombrables chemins de fer et de bonnes routes. Ouro Preto est la ville artistique du Brésil et de l'Etat de Minas. Le touriste trouve dans ce vaste pays, dont la superficie est supérieure à 2/3 de toute l'Europe, joint à la hospitalité caractéristique des Brésiliens, tout le confort dont il a besoin, soit eu transports, rapides et confortables, soit en hotels, luxueusement installés. Un service spécial, fait par des gardes civils, permet aux étrangers de trouver des interprètes pour tous les idiomes, soit dans les Répartitions Publiques, soit dans les promenades. Terminant ces légères notes, nous invitons, nos chers frères à traduire tout le texte de ce petit volume, d'une lecture très utile et intéressante pour les scouts de tout le monde, offert par les frères qui vous attendent à bras ouverts, pour vous présenter au grand pays où ils ont le bonheur de vivre.

"Boys Scouts Paulista"

Aos Irmãos que se encontram em outras terras

Encerrando este trabalho, dirigimo-nos a vós, irmãos de outros países.

Os serviços que acabamos de relatar representam a nossa modesta colaboração ao património comum.

Por eles vereis que também no Brasil se procura por em prática os ensinamentos de Baden Powell.

Este país, estimados irmãos, é uma maravilha de beleza natural. Nossos acampamentos, nossas excursões, nossas atividades, enfim, se realizaram no cenário mais belo que podeis imaginar.

A capital do Brasil (Rio de Janeiro) é uma das mais belas do mundo. Sua população é de 1.900.000 habitantes; é uma grande cidade moderna, dotada de todo o conforto, dispondo de todos os meios de locomoção.

São Paulo é a grande metrópole industrial, sendo o maior centro das indústrias da América do Sul.

O panorama desta cidade, cujo centro urbano ocupa vasta área toda edificada de prédios de dez e mais pavimentos, é soberbo.

Sua população é de 1.500.000 habitantes. O interior do estado é atravessado por inúmeras estradas de ferro e de rodagem. Ouro Preto é a cidade artística do Brasil. O turista encontra neste vasto país, cuja superfície é superior a 2/3 de toda a Europa, ao par da hospitalidade característica dos brasileiros, todo o conforto de que careçam, quer em transportes, rápidos e confortáveis, como em hotéis, luxuosamente instalados. Um serviço especial feito por guardas civis permite aos estrangeiros encontrarem interpretes para qualquer idioma, nas repartições e logradouros públicos.

Ao encerrarmos estas ligeiras notas, nós vos convidamos, estimados irmãos, à tradução de todo o texto deste pequeno, volume, que contém leitura útil e interessante para os scouts de todo o mundo, oferecida pelos irmãos que aqui vos aguardam, de braços abertos, para vos apresentarem o grande país onde têm a felicidade de viver.

Boys Scouts Paulistas

74

Aos Nossos Leitores

Todas as imagens (fotos e desenhos) contidas neste livro, foram extraídas de seus originais que estão todos em clichês de zinco e foram ao longo do tempo (desde a 1ª edição) sofrendo desgastes naturais, o que nos impossibilitou de qualquer alteração. Além do que, sua substituição, por outras fotos recentes, fugiria do seu valor histórico e real, por isso pedimos sua compreensão.

"Boys Scouts Paulistas"



Sede

Rua Baetinga, 99 - Brooklin - Cep 04557-010 - São Paulo - SP
www.gesp.com.br